



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GISELLE ALICIA PEREIRA MENDES**

**CURRÍCULO E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA  
DO 5º ANO DO ENSINO BÁSICO CABO-VERDIANO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**GISELLE ALICIA PEREIRA MENDES**

**CURRÍCULO E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA  
DO 5º ANO DO ENSINO BÁSICO CABO-VERDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito para obtenção de título de Graduação.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

M491c

Mendes, Giselle Alicia Pereira.

Currículo e representação da identidade negra nos livros didáticos de História, Geografia e Língua Portuguesa do 5º ano do Ensino Básico cabo-verdiano / Giselle Alicia Pereira Mendes. - 2022.

66 f. : il., mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro.

1. Currículos - Planejamento. 2. Ensino fundamental - Cabo Verde. 3. Livros didáticos - Cabo Verde. 4. Negros - Identidade racial. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 375.0096

**GISELLE ALICIA PEREIRA MENDES**

**CURRÍCULO E REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NOS LIVROS  
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA  
DO 5º ANO DO ENSINO BÁSICO CABO-VERDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito para obtenção de título de Graduação.

Data de aprovação: 14/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Emanuel Alberto Cardoso Monteiro (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Prof. Dr. Fernando Jorge Pina Tavares**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreia Cardoso Silveira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Aos meus pais, Lina e Manuel pela ajuda incessante em todos os momentos da minha vida.

Ao meu filho Leandro Guilherme, minha fortaleza.

E por alguns queridos em minha vida que sempre me impulsionaram a ser melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por todas as oportunidades e força de continuar trilhando sonhos.

Minha eterna gratidão aos meus pais por sempre estarem ao meu lado me apoiando, motivando e confiando em mim, agradeço aos meus queridos irmãos, pela confiança e motivação, e ao meu filho que me fortalece todos os dias e me encoraja em vários sentidos da vida. E agradeço a tia Carla que sempre esteve presente em minha vida me impulsionando a ser uma pessoa melhor.

Gratidão a UNILAB, a universidade que me acolheu nesse mundo acadêmico, proporcionando experiências únicas. Agradeço ao meu orientador Emanuel Monteiro que caminhou comigo nessa experiência do Trabalho de Conclusão de Curso.

Gratidão a todas as amizades que de uma forma direta ou indireta me ajudou nessa caminhada.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo principal analisar a representação da identidade negra-africana nos livros didáticos do ensino básico em Cabo Verde, concretamente os livros de História e Geografia e Língua Portuguesa do 5º ano. Compreender a representação da identidade negra no livro didático é importante porque a representação tem uma influência significativa na formação da identidade dos sujeitos e grupos sociais, podendo impactar de maneira positiva ou negativa. No entanto, as representações nos livros didáticos de tal maneira podem promover a aproximação dos alunos, de sua realidade histórica, cultural e social, como o seu afastamento ou negação. Neste trabalho, ressalta-se como problematização a seguinte questão: Como a representação da identidade negra-africana nos livros didáticos contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos? Esta pesquisa concerne ao estudo bibliográfico e análise documental, no qual analisamos dois livros didáticos do ensino básico de Cabo Verde, sendo eles de História e Geografia, e o livro de língua portuguesa, e nestes buscamos verificar os conteúdos e figuras e os elementos culturais, históricos que contribuem para a representação da identidade dos alunos. Provavelmente, ainda existem reflexos de uma epistemologia eurocêntrica, aos conteúdos designados em salas de aula, neste ponto de vista é necessário a existência e a ampliação de políticas públicas educativas, políticas curriculares, visando para um currículo justo que cumpra sua função social.

**Palavras-chave:** Currículos - Planejamento. Ensino fundamental - Cabo Verde. Livros didáticos - Cabo Verde. Negros - Identidade racial.

## **ABSTRACT**

The main objective of this Course Completion Work is to analyze the representation of black-African identity in elementary school textbooks in Cape Verde, specifically the 5th year History and Geography and Portuguese Language books. Understanding the representation of black identity in textbooks is important because representation has a significant influence on the formation of the identity of subjects and social groups, and can impact positively or negatively. However, the representations in textbooks in such a way can promote the approximation of students to their historical, cultural and social reality, as well as their removal or denial. In this work, the following question is highlighted as a problematization: How does the representation of black-African identity in textbooks contribute to the teaching and learning process of students? This research concerns the bibliographic study and documental analysis, in which we analyzed two textbooks of basic education in Cape Verde, being them of History and Geography, and the Portuguese language book, and in these we seek to verify the contents and figures and the cultural elements, histories that contribute to the representation of students' identity. Probably, there are still reflections of a Eurocentric epistemology, to the contents assigned in classrooms, in this point of view it is necessary the existence and expansion of educational public policies, curricular policies, aiming at a fair curriculum that fulfills its social function.

**Keywords:** Black people - Racial identity. Elementary School - Cape Verde. Resumes - Planning. Textbooks - Cape Verde.



## SUMÁRIO

|          |                                                                        |           |
|----------|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                      | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>METODOLOGIA</b>                                                     | <b>13</b> |
| 2.1      | PESQUISA QUALITATIVA                                                   | 13        |
| 2.2      | MÉTODO DE ANÁLISE                                                      | 15        |
| <b>3</b> | <b>CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E EDUCATIVO DE CABO VERDE</b>        | <b>16</b> |
| 3.1      | BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO                                       | 16        |
| 3.2      | CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO DE CABO VERDE                    | 18        |
| 3.3      | EDUCAÇÃO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL                                       | 20        |
| <b>4</b> | <b>RELAÇÃO DE CURRÍCULO E LIVRO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE</b> | <b>24</b> |
| 4.1      | CONCEITUANDO CURRÍCULO                                                 | 24        |
| 4.2      | BREVE HISTÓRIA DO CURRÍCULO                                            | 26        |
| 4.3      | COMPREENDENDO CONCEITO IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA                   | 29        |
| <b>5</b> | <b>RELEVÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO: UMA BREVE DISCUSSÃO</b>               | <b>32</b> |
| 5.1      | ANÁLISE I – LIVRO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE CABO VERDE: 5º ANO        | 34        |
| 5.2      | AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS EM CABO VERDE: UMA BREVE DISCUSSÃO            | 46        |
| 5.3      | ANÁLISE DO LIVRO II – LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA: 5º ANO               | 51        |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                            | <b>61</b> |
|          | <b>Referências</b>                                                     | <b>63</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo o sistema educativo em Cabo Verde vem passando por mudanças, com intuito de facilitar as relações entre a educação e sociedade, assim como envolver mais as expectativas dos cabo-verdianos quanto à educação e o seu papel de agente social. Nesse contexto, houve a necessidade de desenvolver estudos referente às políticas curriculares ou currículo, de modo a proporcionar aos discentes maiores acessos aos conteúdos que abordam as realidades africanas e diversos elementos que formam a base da identidade nacional.

Pois bem, a estrutura social de Cabo-Verde e o sistema de educação vem de um processo histórico com traços que se iniciou desde o período da escravatura e ao momento mais resistente da colonização. Para Moura (2016, p.82), “a educação é, portanto, condicionada pela estrutura social, não podendo ser compreendida como um elemento independente”. Ou seja, a educação é um constituinte fundamental para atender as diferentes demandas sociais.

O período colonial foi intenso em vários sentidos, por conseguinte os livros didáticos foi um dos instrumentos que serviu de alvo para continuação do processo de assimilação, trazendo neles informações e conteúdo que valorizassem a colônia portuguesa, e minimamente eram incluídos os assuntos referentes ao contexto negro-africano.

Esta pesquisa se atenta aos diferentes aspectos socioculturais-africanos no currículo, com delimitação, os livros didáticos de Geografia e História e Língua Portuguesa do 5º ano do ensino básico de Cabo Verde.

O meu interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa se deu pela necessidade de entender as questões relacionadas à identidade africana que envolve a história da educação em Cabo-Verde. Eu sendo, do país, antes do meu trajeto acadêmico no curso superior, pouco refletia sobre os assuntos referente identidade negra-africana, para tanto, Cabo Verde nos seus meios acadêmicos, científicos e curriculares reconhecia muito os pensamentos ocidentais, e a epistemologia africana era consequentemente silenciada pela ideologia europeia.

Então, posso afirmar que a análise do nosso objeto de estudo, ou seja, dos livros didáticos do 5º ano, se deu devido a minha trajetória e contato acadêmico do ensino superior no Brasil na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no qual tanto nos cursos de Humanidade quanto no de

Pedagogia teve várias disciplinas que se relacionassem com o continente africano e assuntos concernente à identidade negra. No decorrer dessa trajetória, compareceram oportunidades de várias atividades, debates, reflexões. Ou seja, com o embate dessas disciplinas gerou cada vez mais o meu interesse em compreender a importância de estudos sobre currículo e identidade negra, achou-se viável a partir dos livros didáticos escolares supracitados. Diante disso, torna-se relevante saber como o negro tem sido representado nos livros didáticos e como isso contribui para o conhecimento e senso crítico dos alunos.

Resido no Brasil a quase 6 anos, pude perceber que essas questões são mais abordadas e discutidas, do que em Cabo-Verde o meu país de origem, de outro modo dizendo se amostam mais avançadas, e eu enquanto negra-africana e futura pedagoga meu avistar se desenvolveu mais sobre o assunto.

Acrescento em dizer que, com o acesso a mais informações, assim como, da Lei de Bases do Sistema Educativo Cabo-Verdiano, alterado pelo Decreto-Legislativo nº2/2010, onde sofreu sua alteração em 2018. Conforme o BOLETIM OFICIAL o capítulo II, no artigo 5 os objetivos e princípios gerais do sistema educativo, se vinculando com a identidade, concerne que “a educação deve contribuir para salvaguardar a identidade cultural, como suporte da consciência e dignidade nacionais e fator estimulante do desenvolvimento harmonioso da sociedade”. (BOLETIM OFICIAL 2018, p.1941). Ainda, no que se refere ao quesito identidade o artigo 9, (p.1941) diz:

A educação deve basear-se nos valores, necessidades e aspirações coletivas e individuais e ligar-se à comunidade, associando ao processo educativo os aspetos mais relevantes da vida e da cultura cabo-verdiana. 2. Com o objetivo de reforçar a identidade cultural e de integrar os indivíduos na coletividade em desenvolvimento, o sistema educativo deve valorizar a língua materna, como manifestação privilegiada da cultura. (BOLETIM OFICIAL 2018, p.1941)

Aflorou mais ainda a minha memória académica do ensino básico, desta feita, procurei aprofundar através deste estudo, culminou assim sobre o assunto, principalmente como são trabalhados na atualidade, as representações do negro africano nos manuais em questão. Os manuais escolares são de uso obrigatório na educação básica. Fizemos a referência aos livros didáticos citados acima, tendo entendimento que são os instrumentos importantes na construção de identidade e aprendizagem do aluno. É o material que possui uma grande relevância no contexto

educacional, como também uma fonte de informações para os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Neste estudo abordamos como problematização: Como a representação da identidade negra nos livros didáticos de História e Geografia e Língua Portuguesa do 5º ano são abordados?

Partimos da hipótese de que identidade negra nos livros didáticos é necessária para ajudar os alunos a entender e ampliar seus conhecimentos sobre a suas raízes e cultura, visto que durante muito tempo vem abordando e valorizando muito os conteúdos europeus, que acaba contribuindo para o afastamento e a não valorização da realidade e conhecimento africano.

Determinamos como o nosso **objetivo geral**: Analisar a representação da identidade negra-africana nos livros didáticos de História e Geografia e Língua Portuguesa do 5º ano.

E os **objetivos específicos** foram acentuadas da seguinte forma:

- Entender o que os livros didáticos revelam sobre a identidade negra-Africana;
- Analisar a relevância dos livros didáticos para formação da identidade negra africana nos estudantes cabo-verdianos do 5º ano;
- Identificar diferentes elementos nas gravuras que possibilitam entender como a identidade negra africana é tratada nos livros didáticos de História e Geografia e Portuguesa;

O presente estudo está dividido em 5 seções, sendo o primeiro correspondendo à introdução considerada a parte da abertura da pesquisa, a segunda seção é a metodologia, ou seja, demonstrando como foi desenvolvido a pesquisa, a terceira seção está correspondendo a Cabo Verde, trazendo sua breve contextualização histórico, contextualização do sistema educativo, e refere também sobre o sistema educativo no período colonial e pós-independência, a quarta seção, demonstrando a relação entre o currículo e sua breve história, e um outro ponto retrata sobre a relevância dos livros didáticos, trazendo uma breve discussão, a mesma seção fizemos análises dos nossos objetos de pesquisa, os livros didáticos de História e Geografia e Língua Portuguesa. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa parte da concepção de que o procedimento metodológico, é um trânsito utilizado pelos pesquisadores para chegarem a possíveis esclarecimentos de inquietações ou informações levantadas no decurso da pesquisa. Consoante (MINAYO, 2021, p.16) “entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”.

### 2.1 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa é de foco metodológico qualitativo mantendo, paralelamente, relações com sustentação teórica, ou seja, foi feito um levantamento bibliográfico e análise documental. Segundo Creswell (2007, p.186), a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados que inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou de um cenário, analisa os dados para identificar temas ou categorias e, finalmente faz uma interpretação dos dados obtidos durante a pesquisa, tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teórico, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas Wolcott (1994) apud Creswell (2007).

Para Minayo (2002, p.21,22) a pesquisa qualitativa, [...] “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos”. Certamente, a pesquisa qualitativa é muito importante porque ela ajuda a ampliar o nosso poder de conhecimento, melhorar as nossas atividades, e por último, ajuda a dar suporte, neste caso aos debates às quais propomos estudar.

Neste sentido, com o intuito de alcançar os objetivos tanto geral quanto específicos, a pesquisa terá como base metodológica a análise bibliográfica e análise documental.

A pesquisa bibliográfica “é um passo preliminar essencial em cada projeto de pesquisa” (CERVO E BERVIAN,1996, p.27). Assim, a pesquisa bibliográfica incluirá análise de teses, dissertações entre outros documentos que tem aproximação com a

temática da pesquisa e que onde serve de base de apoio, neste caso às quais propomos estudar.

No que tange a percepção de Sousa:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (SOUSA, p.66, 2021).

A pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores.

No que se refere a pesquisa documental, Cellard (2012, p. 295, apud Carvalho 2021, p.43), ressalta que é importante, “por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais”. Em conformidade com isto, o Gil (2002 p.46), fez valer da análise do discurso sobre a pesquisa documental, “como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”.

Diante de uma pesquisa científica, são importantes alguns aspectos imprescindíveis por parte dos investigadores, pois, estes selecionam escolhas dos documentos, para os analisarem. Por tanto, é fundamental manter o foco, sobre o determinado estudo e procurar compreender as informações reveladas nos documentos escolhidos para a análise.

Cellard (2012), na análise documental não tem como alterar um documento, cabe aceitá-la tal como se apresenta, incompleto, parcial ou impreciso. Mesmo com uma fonte documental mais pobre, cabe a nós saber tirar as informações que necessitamos, pois podem ser as únicas fontes a nos oferecer alguma informação sobre determinado assunto. Portanto, devemos ter um olhar crítico a fim de avaliar as informações que necessitamos. (CELLARD; 2012, p. 298-299).

Deste modo, é de se considerar que é um momento delicado durante a pesquisa, pois, é a fase que se reúne os elementos, que possam dar respostas às inquietações.

Em análise documental foi permitido averiguar os próprios objetos de estudos livros didáticos de História e Geografia e Língua Portuguesa, como também a Lei de

Bases do Sistema Educativo (LBSE) de Cabo-Verde, e Plano Nacional de Ação Educação Para Todos (PNA-EPT), pois com a possibilidade de enriquecer o nosso questionamento.

## 2.2 MÉTODO DE ANÁLISE

Em relação ao procedimento da análise foi utilizada a análise de conteúdo. De acordo com esta pesquisa, analisamos os livros didáticos mencionados, sabendo que estes são ferramentas importantes que auxiliam os professores nas atividades diárias, como também na aprendizagem e formação dos alunos.

Bardin (1997), retrata sobre a análise de conteúdo como:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1997, p.42).

Neste caso, o autor quando refere sobre a “inferência”, entendemos que está relacionada à compreensão ou análise de como algumas mensagens ou conteúdos estão retratadas num livro.

Para a análise, selecionamos dois livros didáticos, sendo o primeiro de História e Geografia de Cabo Verde e o segundo de Língua Portuguesa do 5º ano do ensino básico. Levamos em consideração o objetivo da pesquisa, que tem como ponto a representação da identidade negra-africano nos livros, entendendo os conteúdos e as imagens neles apresentados.

Analizamos também, a capa do livro, os autores, as editoras, os índices, as atividades, a linguagem, porém o foco, está virado ao os conteúdos, gravuras, e alguns elementos identitários do grupo negro africano a fim de compreender como vem sendo trabalhado questões relacionadas à representação da identidade negra nos livros em questão. Contudo, também atentamos em entender a representação geográfica do continente africano, em consequência o mapa de Cabo Verde e como os conteúdos estão representados no que tange a história e formação do país. Fizemos uma breve discussão sobre as relações identitárias em Cabo Verde, relações entre memória e identidade. Outra questão que verificamos foi o sobre a “língua” visto

que é um fator identitário importante na representação da identidade, buscando entender como essas questões são apresentadas nos livros consequentemente aos alunos.

### **3 CONTEXTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E EDUCATIVO DE CABO VERDE**

#### **3.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO**

Cabo Verde é um país constituído por 10 ilhas, entre elas uma é desabitada, está dividida em dois grupos, o grupo de barlavento e o grupo de sota-vento. Fica localizada na costa ocidental da África, com uma área combinada de 4.033km<sup>2</sup>. Concernente à história do país, a descoberta de Cabo Verde se deu no séc. XV precisamente em 1460/62, pelos portugueses. Uma vez que esse termo “descoberto” ainda é polêmico, porque existem vários autores e teses que se referem ao conhecimento do país antes da chegada dos portugueses, ou seja, discordando da história tido como oficial sobre o descobrimento das ilhas.

O país encontra-se no ponto de interceptação, e foi considerado como uma localização estratégica de grande importância, bem como virou o entreposto de comércio de escravos dirigidos pelos portugueses.



Figura 1 - Mapa de Cabo Verde



Fonte: Google Maps (2022).

Logo após a sua “descoberta” iniciou-se a colonização pelos portugueses estabelecendo assim o povoamento, onde as primeiras ilhas a serem povoadas foram Santiago e Fogo. No séc. XX, a partir da década de 50 começaram a surgir os movimentos consequentemente para a independência, visto que Cabo Verde se vinculou à Guiné Bissau, lutando contra o colonialismo português. Segundo o Plano Nacional de Ação de Educação Para Todos (2002, p. 3), “Cabo Verde ascendeu à independência em 1975, sob a égide do PAIGC que conduziu os destinos do país até 1991, altura em que passou a vigorar, com a realização das primeiras eleições livres”. Posteriormente a esta data “profundas mudanças têm sido registadas em termos de democratização, alternância política, exercício da cidadania, liberalização da economia, legislação, descentralização e envolvimento da sociedade civil”. (Plano Nacional de Ação de Educação Para Todos, 2002, p. 3). Ao seguimento a este estudo, no tópico que vem a seguir, iremos retratar sobre o sistema educativo de Cabo Verde.

### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO SISTEMA EDUCATIVO DE CABO VERDE

A história da educação em Cabo Verde corresponde a momentos históricos. Em conformidade com os estudos da história da educação, o sistema educativo do país pode ser dividido em dois grandes momentos, sendo o primeiro, *educação na fase colonial*, e o segundo momento, *educação na fase pós-colonial*. Como já dizia Moura (2016, p.82), “a educação é, portanto, condicionada pela estrutura social, não podendo ser compreendida como um elemento independente”. Ou seja, um constituinte social que por natureza é verdadeiramente útil, pois evolui ou deveria evoluir consoante as mudanças e evolução histórica da sociedade.

Conforme Furtado (2008), “no período colonial a educação cabo-verdiana fazia parte integrante do sistema educativo português”. Assim, também a sociedade colonizadora incorporava cada vez mais outras formas de apropriar ou validar sua conduta social. “A política do ensino português assentava sobre dois eixos principais: a assimilação (para aculturar) e a cristianização”, (Ferreira e Zanene 1996, p. 279, apud Moura 2016, p.84).

Nesse sentido, a religião (sobretudo a católica) e a educação desempenharam um papel importante na integração e na subordinação da cultura “indígena” à cultura europeia. A Igreja e as missões religiosas tinham como objetivo apoiar a criação, a manutenção e o desenvolvimento do sistema colonial e o faziam por meio da educação e da imposição do modelo social e cultural da metrópole. (MOURA, 2016p.83, 84).

Esta era uma das técnicas que os portugueses mantiveram na época para continuar como forma de limitação e submissão aos colonizados, pois a educação acontecia de forma básica e não vaidosa, ou seja, não continha grandes conteúdos, por assim não poder estimulá-los a ter grandes argumentos.

Em 1657, foi fundado o Convento da Ribeira Grande que também funcionava como centro de ensino, onde lecionavam as disciplinas de Teologia, Latim e Moral (Furtado, 2008, p. 11). Ainda segundo o mesmo, “a primeira escola de ensino primário oficial foi criada na Praia em 1817”. Na data de 1844 foram criadas mais escolas do ensino primário. Relata ainda:

Posteriormente, em 1860 foi criado na Praia o Liceu Nacional de Cabo Verde, onde se ministravam as cadeiras do ensino primário para além do Latim, Filosofia, Moral, Teologia, Francês, Inglês, Desenho,

Matemática e rudimentos de Náutica. Com esta última disciplina ficou reconhecida a vocação marítima de Cabo Verde. O Liceu Nacional foi criado pelo governador interino Januário Correia de Almeida, pela portaria nº 313-A de 15 de Dezembro de 1860, publicado no Boletim Oficial nº 83, de 22 de Dezembro de 1860, p.39. (FURTADO, 2008, p.12-13).

O sistema educativo Cabo Verdiano passou por diferentes momentos de mudanças, pois começou a desenhar-se a partir da década de 80. No argumento de Moura, (2016, p.90), “apesar das primeiras escolas oficiais terem surgido no século XVIII, a primeira reforma educativa implementada em Cabo Verde foi no período de 1917, quando foi aprovado o Plano Orgânico da Instrução Pública (POIP).

Tal Reforma foi motivada, principalmente, pela necessidade de melhorar a instrução pública, satisfazer as aspirações da população e também diminuir a elevada taxa de analfabetos existentes no país segundo Moura, (2016, p.90).

O ensino primário abrange três graus, nomeadamente, o ensino primário elementar, o ensino primário complementar e o ensino primário superior. Ressalvamos que havia apenas “duas escolas de ensino primário superior, sendo que uma na cidade da Praia e outra na ilha de São Nicolau, no edifício onde funcionava o antigo seminário”.

O ensino normal primário, com três anos de duração, tinha como objetivo preparar os professores para as escolas primárias locais. Funcionava na Escola de Ensino Primário Superior de São Nicolau.

O ensino secundário era ministrado no Liceu Nacional, cuja sede ficava em São Vicente. Segundo esse diploma, “o curso liceal será uma reprodução exata do curso geral dos liceus metropolitanos, com exclusão do ensino de alemão” (Cabo Verde, 1917). O ensino profissional incluía o ensino da arte marítima, o ensino industrial e o ensino agrícola.

De acordo com Furtado (2008, p.16), na ilha de Santiago em 1969 criaram dois modelos institucionais de professores “a Escola de Habilitação e Formação Profissional dos Professores de Posto Escolar (EHPP)”, cuja missão era de reduzir o grande défice de professores formados e melhorar a qualidade de ensino. Pois sabe-se que eles têm um papel fundamental na vida dos alunos, ajudando-os no processo de aprendizagem.

Com o passar do tempo, devido a alguns fatores como desigualdades socioculturais e económicas que existiam, o acesso à educação na primeira metade do século XX, Furtado (1997, p.37,) relata que, “poucos tinham acesso ao ensino básico” e que “a situação tende a ficar mais difícil quando se sobe na hierarquia

escolar. A instituição escolar, funcionando como um filtro permite o acesso de poucos a posições dominantes na estrutura do ensino”.

Em relação ao currículo e a identidade negra, neste período, a realidade do ensino só abordava conteúdos no contexto de Portugal. Assim os alunos, continuavam no processo de se submeter à aculturação e à assimilação, pondo de lado a própria identidade, história, cultura e raízes dos africanos, ignorando o próprio continente, e assim valorizando e servindo o exterior.

### 3.3 EDUCAÇÃO NO PERÍODO PÓS-COLONIAL

A segunda era da educação em Cabo-Verde retrata-se o período pós-independência, embora notasse, de facto, diferentes momentos de transformações significativas, ainda assim o modelo do governo anterior tinha a sua influência no sistema educativo do país, que não seria fácil de romper, por questões óbvias. Cabo Verde, foi um país independente em 5 de julho 1975, e ainda assim, mesmo no pós-independência, no que tange a questões curriculares Morais, 2009 explana que:

A estrutura permaneceu idêntica à época colonial, sem alterações significativas. Os livros didáticos, tanto para o ensino básico como para o secundário, continuavam sendo confeccionados em Portugal, com conteúdo e linguagem desgarrados da realidade socioeconômica dos estudantes cabo-verdianos, e a preços proibitivos à maioria das famílias. (MORAIS, 2009, p. 37-38).

Ou seja, a estrutura social e o sistema de educação ainda continuou elitista e de difícil acesso para a maioria da população. Para Afonso (2002, p. 49), “Desde a independência, as elites africanas usam a sua riqueza e posição para dar uma formação superior aos seus filhos, recebendo subsídios educativos públicos desproporcionais e transmitindo um elevado status de classe entre gerações. ”

Pois, com a independência nacional, Cabo Verde teria que reestruturar o modelo de educação no qual atendesse ao país independente, com alterações no sistema que proporcionasse aos cidadãos de diferentes classes conhecimentos em variadas áreas. Desta feita, com o passar do tempo, percebeu-se momentos significativos de transformações e mudanças no que tange ao sistema educacional, neste sentido, segundo Vieira (s.d, p.3) “mudanças profundas no edifício do sistema começaram a desenhar-se a partir da década de 80”. Segundo o mesmo autor (p.11),

em 1990, “sob o signo do Banco Mundial (BM) e do Banco Africano para o Desenvolvimento (BAD), o processo educativo cabo-verdiano conheceu uma nova fase, a partir dessa década”.

De acordo com a nova Lei de Bases do Sistema Educativo, nesta data, é aprovada a Lei nº 103/III/90 de 29 de dezembro, ou seja, Cabo Verde conheceu a sua primeira grande reforma no sistema educacional, tendo como pretensão de se afastar cada vez mais do molde eurocêntrico. Vejamos abaixo:

[...] novo quadro de reforma de sistema educativo, tendo em vista dar resposta adequadas aos desafios da sociedade cabo-verdiana, traduzidas em ganhos substanciais para o funcionamento e a modernização do Sistema Educativo a nível nacional, com necessária adaptação estrutural qualificativa em todos os subsistemas e níveis de ensino e de formação profissional. (LBSE– Lei nº 103/III/90 de 29 de dezembro).

No que diz respeito a nova organização da estrutura para o sistema de ensino em Cabo Verde, ficou organizado no seguinte modelo:

*Educação Pré-Escolar* - dos 3 aos 5 anos de idade;

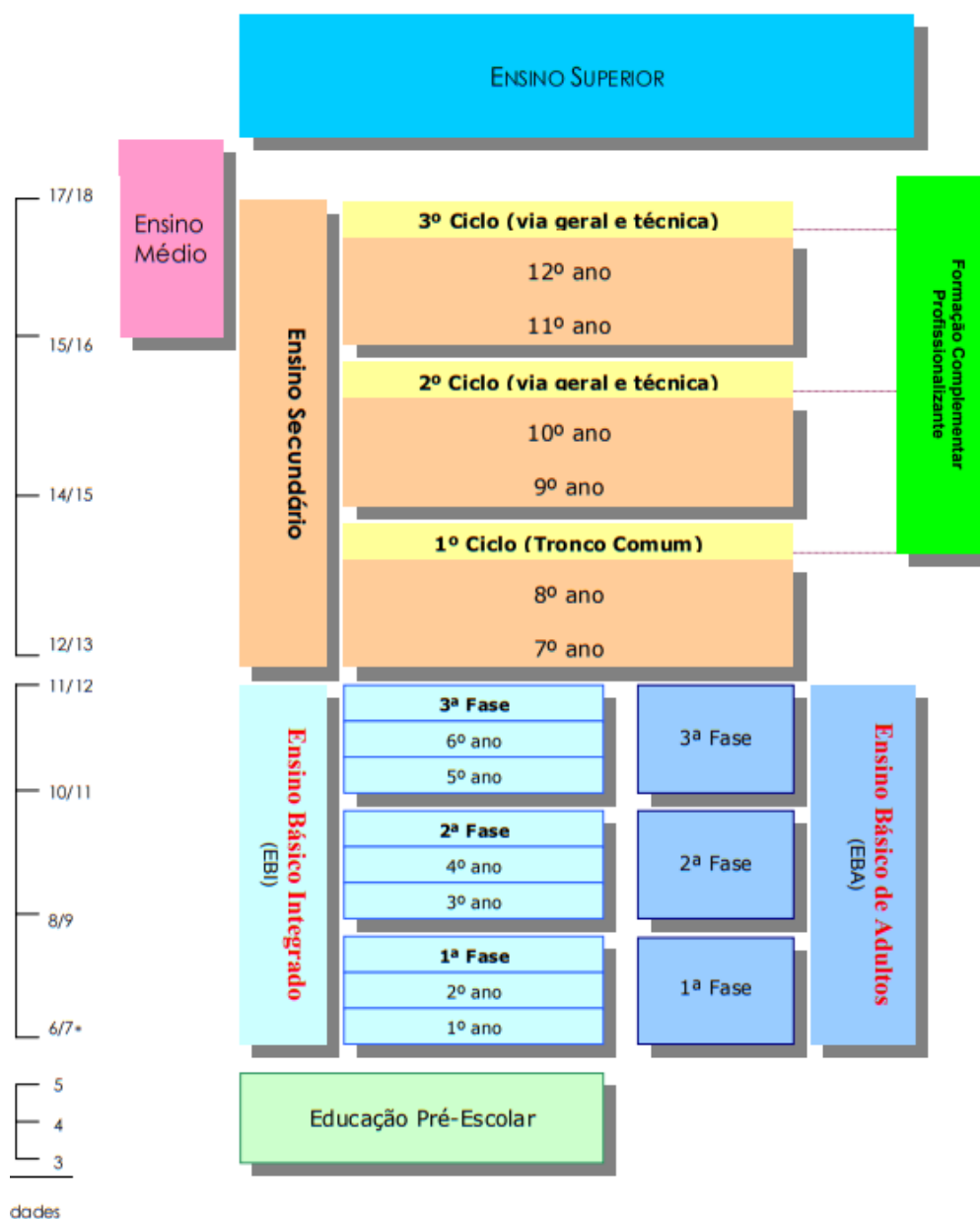
*Ensino Básico Integrado (EBI)* - dos 6 aos 12 anos;

*Ensino Secundário* - dos 12 anos aos 18 anos;

*Ensino Básico de Adultos (EBA)*;

*Ensino Superior*.

**Figura 2** - Organograma do sistema educativo cabo-verdiano 2000/01



Fonte: Plano Nacional de Acção de Educação Para Todos (pna-ept), p. 6

Apesar de o ensino cabo-verdiano e do currículo nacional ter as suas limitações ao longo dos tempos, e não abranger logo as mudanças profundas em curto espaço, traduziu progressos. Todavia, todos cidadãos tinham direito e dever do acesso à educação, podendo frequentar os vários níveis de ensino. Segundo LBSE, o artigo 5º, (número 3 e 4) expõe que, no quadro da ação educativa, a eliminação do analfabetismo é tarefa fundamental. Em relação, a identidade do país, o mesmo artigo, expõe que a educação deve contribuir para salvaguardar a identidade cultural como

suporte da consciência e dignidade nacionais e fazer do desenvolvimento harmonioso da sociedade.

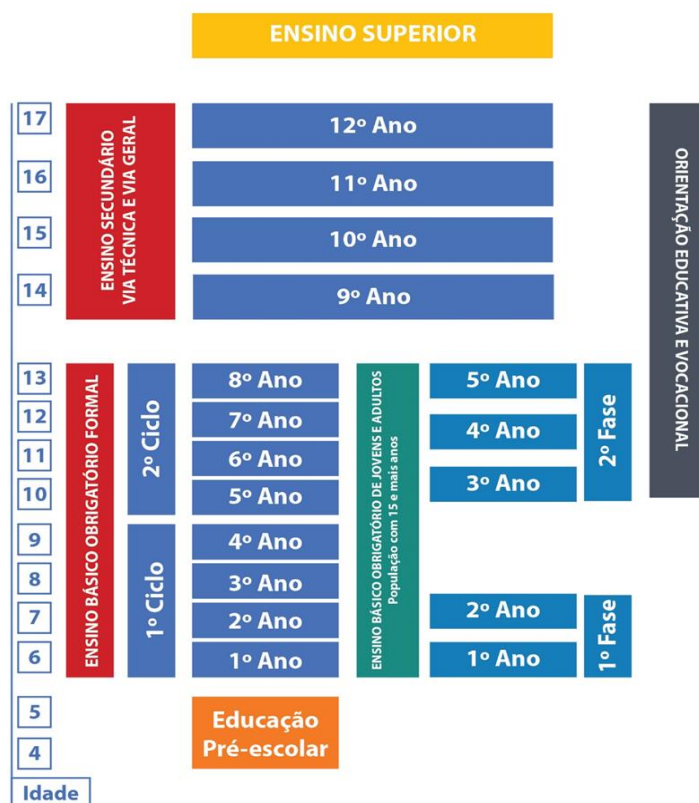
Uma nova reformulação ocorreu em 2010, do Decreto Legislativo nº 2/2010, de 7 de maio, pela LBSE- Lei nº 103/III/1990 de 29 de dezembro. Trazendo inovações em relação à primeira reforma. Proporcionando melhor os objetivos, a organização e o funcionamento do sistema educativo cabo-verdiano. Neste sentido, a organização, o sistema ficou do seguinte modo:

*Educação pré-escolar:* De 4 a 5 anos: Nota-se que no sistema educativo anterior era dos 3 a 5 anos de idade.

*Ensino básico obrigatório formal:* De 9 a 13 anos, porém dividido em dois ciclos, sendo o primeiro ciclo que vai do 1º ano ao 4º ano, e o segundo ciclo que vai do 5º ano ao 8º ano.

*Ensino secundário:* passou a ser do 9º ano ao 12º ano.

**Figura 3** - Organograma do sistema educativo cabo-verdiano, do Decreto-Legislativo nº2/2010 de 7 de maio



Fonte: Site do Ministério de Educação de Cabo Verde.

Com a independência nacional, a política do Governo para o sector da educação teria que definir novos rumos para fazer face às exigências de um país independente, proporcionando aos cidadãos conhecimentos, qualificações e valores sociais e culturais, integrando a sua identidade nacional. Esta perspectiva da educação encontra-se expressamente traduzida no documento do III congresso do partido no poder, o PAIGC, realizado em 1977. Assim, as linhas mestras da política educativa tinham como principal objetivo: a satisfação das necessidades em recursos humanos da economia nacional, a promoção da integração social através da articulação harmoniosa entre a escola e a comunidade e entre a escola e a família, a defesa da cultura popular como forma de preservação e edificação da identidade nacional (Afonso MM educ. e classes soc. P; 126). (FURTADO p. 23).

## **4 RELAÇÃO DE CURRÍCULO E LIVRO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE**

### **4.1 CONCEITUANDO CURRÍCULO**

A palavra currículo, é de origem latina que significa percurso, rota, ou seja, um caminho, e atividades que uma pessoa ou grupo de pessoas devem seguir. No contexto educacional segue-se a mesma linha de ideia. O currículo escolar, exprime os valores, conhecimentos, conceitos que caracterizam o processo social categórico pelo trabalho pedagógico desenvolvidos nas escolas. O termo currículo vê-se que tem origem da palavra latina *scurrere*, do verbo *currere* que significa correr, portanto refere-se ao curso ou pode ser associado a uma “pista de corrida” (MAIA, 2016, p.17). Para Goodson (1995). Ainda, afirma que “o currículo” pode ser compreendido como o curso a ser seguido (Goodson, 1995, *apud*, MAIA, 2016). Se vemos o termo “pista de corrida”, então existem percursos que devem-se fazer, neste caso, a relação é de uma sequência de escolarização e construção de conhecimentos.

Ainda de acordo com a autora:

O currículo está historicamente ligado à noção de disciplina. Essa relação entre currículo e disciplina emerge no final do século XVI, com a ascendência teológica e política do movimento calvinista em países como Suíça, Escócia e Holanda. Por isso, o currículo dentro da prática



educacional calvinista tinha o mesmo sentido que a disciplina possuía na prática social do calvinismo. Portanto, ao aprofundarmos essa relação existente, percebe-se que existe uma ligação entre o conhecimento e o controle. Esta relação é fundamental para o currículo, inicialmente é necessária para pensar no social em que é produzido o conhecimento, e após isso, a forma como esse conhecimento será “reproduzido” no ambiente escolar, que é dividido primeiramente em classes e posteriormente é representado pelas salas de aula. (ILA MAIA, 2026, p.17).

Percebe-se que existe uma forte relação entre o currículo, o ambiente escolar e a sociedade. Por outro lado, é interessante analisar também que para atender a esses três aspectos o indivíduo terá que percorrer por um processo de racionalização de sequências de conteúdo. Neste sentido, o currículo está ligado ao objeto científico ou ligado à noção de fábrica. Desta feita, torna-se crucial haver um currículo escolar que contribua de forma real e significativa por meio de conhecimento para a formação do cidadão.

Na perspectiva da Pinheiro, no seu trabalho “*O Currículo Escolar na Construção do conhecimento*”, demonstra que enquanto a industrialização se ascende no EUA, aumentava a necessidade de mão-de-obra e a população à margem da sociedade vivia sem esperança e milhares deles excluídos do ambiente escolar” (APPLE, 1982. p. 96, *apud* Pinheiro 2015).

Pinheiro (2015, p. 11) fomenta que, com a necessidade de capacitar a classe trabalhadora durante as fases da industrialização nos países capitalista, tiveram um olhar diferente no que tange a organização do currículo, isto é, que correspondesse a classe trabalhadora possibilitando maior relação entre a sociedade e campo educacional, desde que prevalecesse as formas de dominação, poder e respeito e quem tinha ou não entendia esses aspectos estava margem da sociedade.

Para tanto, como citamos acima, o currículo pode ser entendido nas diferentes concepções ou maneiras. Segundo Forquin (1993), *apud*, Cunha p.17 em uma das concepções, “ (...) o currículo implica um conjunto contínuo de situações de aprendizagem as quais o indivíduo vê-se exposto, ao longo de um período no contexto de uma instituição de educação formal”. No entanto, “essa concepção esteve muito associada à ideia de currículo como programa de aprendizagem, organizada em cursos e deliberado no contexto de uma instituição do tipo escolar, em voga nos anos 1960” (CUNHA, 2015 p.17).

Desta feita, entende-se que o currículo está relacionado a transmissão de certos conteúdos, tanto quanto culturais ou intelectuais. Na verdade, ele é pensado a partir do conteúdo do ensino e para quem ele se destina em um âmbito educacional e cultural constituído pela estruturação e formulação de saberes. Para CUNHA (2015, p.17) “o processo de seleção desses conteúdos constitui aspecto importante para definir prioridades e objetivos perseguidos pela escola” (CUNHA, 2015, p.17). Todavia, é importante ressaltar o papel preponderante dos livros didáticos na construção de conhecimento dos alunos e a importância das representações de identidade negra no currículo.

#### 4.2 BREVE HISTÓRIA DO CURRÍCULO

Para assimilar um conhecimento sobre o currículo, sobre certa realidade do cenário educacional é necessário compreender os diferentes movimentos históricos que marcaram o desenvolvimento do currículo.

Fernandes, alega que “a fonte mais antiga da origem “currículum” encontra-se nos registros de 1633 da Universidade de Glasgow na Escócia em um atestado conferido a um professor pela sua graduação de mestre” (HAMILTON, 1989, *apud*, FERNANDES, p. 3, 2013). Entretanto, neste período o processo educacional e histórico sobre currículo acontecia de uma forma rasa, e não era abordado e nem relacionado como um assunto nítido cultural e de socialização como por exemplo é nos períodos mais modernos.

Meira (2020, p. 10) aponta que, “Moreira (2011) lembra que em 1984 a história do currículo era um tema pouquíssimo explorado, mas que correspondia, enquanto estudo sócio-histórico das disciplinas curriculares”. Para Gesser:

O currículo, nos anos anteriores a 1900, enfatizou valores baseados nas tradições históricas do ocidente. Nos anos que precederam o século XIX, o currículo foi centrado basicamente em desenvolvimento de habilidades profissionais (Gesser, 2002, p. 72).

Desta feita, é curioso aperfeiçoar sobre a construção social do currículo nas perspectivas históricas. Ainda assim nas ideias de Schubert (1986), *apud* Gesser 2002:

No século XIII, a educação foi fortemente influenciada pelas doutrinas do escolasticismo de São Tomás de Aquino. O currículo não existia numa forma organizada e oficializada. Os conhecimentos transmitidos para as novas gerações eram resultantes de valores cristãos. Educadores da época acreditavam que esses valores eram perfeitos para os estudantes e “teriam que ser a eles impostos por um processo de rígida disciplina” (Schubert, 1986, p. 61, GESSER 2002, p. 72).

No entanto, houve necessidade de reviver a literatura clássica e conseqüentemente, a situação levou alguns educadores a considerarem alguns aspectos importantes, neste sentido uma delas foi, mudanças curriculares, (Gesser, 2002). Nesta perspectiva, “os professores seriam os transmissores dos conteúdos encontrados nos clássicos da cultura ocidental em disciplinas já consagradas pela tradição” (GESSER 2002, p. 72).

Pensando em trajetória histórica sobre o currículo, compreendemos que normalmente existe um foco entre escolarização, controle e um conjunto de influências sociais com determinadas condições ou requisitos numa determinada sociedade para disseminar conhecimentos.

Como precedente ao Iluminismo, no século XVI, uma onda emergente de educadores argumentava que educar pelos clássicos da antiguidade já não era mais suficiente. Embora os clássicos fossem considerados como uma parte importante a ser ensinada, esses educadores argumentavam que o currículo também deveria estar centrado nas experiências de vida e observação “e não meramente nos livros textos” (SCHBERT, 1986, p. 63, apud GESSER, 2002, p. 73).

Além disso, Gesser (2002), transparece que “a humanidade tinha muito mais a aprender. Argumenta-se que este movimento foi o primeiro impulso para o Iluminismo ou Idade da Razão do século XVII e XVIII”.

Macedo (p.34, 2017), fomenta que “essa perspectiva curricular vai dominar toda a Idade Média juntamente com a imposição de um conhecimento mediado predominante pela fé e se prolonga no Iluminismo”. No entanto, relata que, “para educadores clássicos, a saída era dividir o conhecimento em áreas”. Entretanto, as experiências de aprendizagens e “a hiper disciplinarização e sua proliferação vão se constituir na opção da modernidade científica, no que concerne à organização das formações institucionalizadas” (MACEDO, p.34, 2017).

De acordo com Macedo (p. 34, 2019), o currículo começou a responder novas premências educativas na sua versão moderna, por conseguinte, na virada do século XIX para o século XX, com o auxílio coerente de saberes e estrutura didática para a

A palavra currículo passou a ter um outro reconhecimento a partir do séc. XX, embora, ao longo do tempo, em várias ocasiões e lugares os professores, ou espaços especializados tivessem lidado sempre com o currículo, ou mesmo com as burocracias educacionais. Porém, ainda de acordo com Macedo (2019), “apesar de todas as inovações que ocorreram ao longo do século XX, esse *círculo* e essa *estrutura* mantiveram relativamente estáveis e se revelaram incapazes de responder às novas necessidades educativas” (MACEDO, p. 35, 2017).

Neste sentido, Pinheiro (2015, p. 10), acolhe os pensamentos de Apples (1982, p. 96) relatando que, no momento em que a industrialização alavancava e, com o surgimento da necessidade de mão de obra industrial vivenciada nos Estados Unidos no início do século XX, havia milhares de pessoas excluídas do contexto escolar e que estavam à margem da sociedade, totalmente sem esperanças. Ainda continua o pensamento expondo:

Com o processo de industrialização nos países capitalistas se tornou necessário “capacitar” os trabalhadores, dando início a uma maior preocupação com a organização do currículo que atendesse a classe trabalhadora e não somente a elite burguesa (escola tradicional). Apple (1982) descreve ainda, que existe uma relação entre a escola e a sociedade, havendo neste contexto formas de dominação e de poder, que são impostos pela sociedade numa forma dialética. (APPLE 1982, *apud*, PINHEIRO, 2015, p. 10).

Por sua vez, Macedo (2017) evidencia, “que é interessante esses aspectos históricos do currículo pelo fato de que, já nos seus primórdios, o currículo como conhecemos hoje, cultivava sua função de *controle*”.

E neste sentido sobre currículo que conhecemos modernamente relata Macedo (2017), que nesta perspectiva da organização da formação são os americanos que vão forjar a concepção de currículo, dando-lhe uma veracidade comprometida com os ideários científicos e administrativos no início do século XX.

Para Lopes e Elizabeth Macedo (2011):

Na segunda metade do século XIX, por exemplo, aceitava-se com tranquilidade que as disciplinas tinham conteúdos/atividades que lhes

eram próprias [...]. O ensino tradicional ou jesuíta operava com tais princípios, defendendo que certas disciplinas facilitavam o raciocínio lógico [...]. Apenas na virada para os anos 1900 com o início da industrialização americana, e nos anos 1920, com o movimento da Escola Nova no Brasil, a concepção de que era preciso decidir sobre o que ensinar ganha força e, para muitos autores aí se iniciam os estudos curriculares (LOPES E ELIZABETH MACEDO, 2011, p. 21).

Ainda assim, de acordo com as suas concepções, transparecem que, no período marcado pela industrialização, “as escolas ganham novas responsabilidades: ela precisa voltar-se para a resolução dos problemas sociais gerados pelas mudanças económicas da sociedade”.

Sendo assim, é nítido que, para o aperfeiçoamento da concepção curricular, da construção do currículo, e para um desenvolvimento curricular, o mesmo passou por um percurso histórico, contendo etapas que normalmente foram severas. Desta feita, entende-se que a escola e o currículo são muito importantes para a sociedade. Nesta ocorrência, é importante compreender que os assuntos e conteúdo a serem abordados, ou aprendidos precisam ser úteis. Então, essas teorias do currículo, que normalmente estão classificadas como; Teorias tradicionais, críticas e pós críticas, intensificaram algumas inquietações. Das quais Fernandes 2013, p. 7, também exibiu: Qual conhecimento deve ser ensinado? O que os alunos devem saber? Qual conhecimento ou saber é importante ou válido, para merecer ser considerado parte do currículo?

#### 4.3 COMPREENDENDO CONCEITO IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA

Enquanto sujeitos sociais, estamos perante uma base para a formação da nossa identidade, sendo assim, essa “identidade” torna-se o resultado de um processo de uma determinada sociabilização. À face disso, parece ser fácil definir “identidade”, pois, este conceito inicialmente apresentado pelo autor, Tomaz Silva, ela “é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem”, “sou homem” (SILVA, 2000 p.74). Ou seja, nesta perspectiva, são características que mostram referência de uma pessoa. Para Lacan, (1998, Apud, Santos e Maciel 2020), “a construção da identidade ocorre na interação entre sujeitos, na diferença”, ou seja, apesar de ter uma demarcação (do que eu sou e outro é),

cotidianamente, existe uma interação social dos indivíduos que influencia e na sua construção.

Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. Ou seja, “o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros”. Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros. (FERNANDES e SOUSA, 2016, p.106).

Na sequência das leituras, percebe-se que o conceito de identidade é complexo. Nos argumentos de SILVA, (2000, p.89) a identidade “é um significado - cultural e socialmente atribuído”. À vista disso, explana que, ela “não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente [...], tampouco homogênea, definitiva e acabada.” (SILVA, 2000 p.97). De outro modo, ela é “uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. “A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada”. (SILVA, 2000, p.97). Desse jeito, se concordarmos com o autor, estaríamos alegando que a identidade é uma construção, logo ela é apta a alterações e inclusões.

De outro modo achamos conveniente estabelecer uma breve relação entre “identidade” e “representação”, entretanto, os indivíduos conseguem atribuir significados e sentidos aos momentos e representações tanto individual quanto social, pois, essas representações atribuídas podem influenciar na sociedade. Neste sentido, entendemos que a construção de identidade está muito relacionada com a representação, visto que ambos são questionados socialmente nos sistemas culturais: Fernandes e Sousa (2016) relatam:

As representações de todos os grupos sociais circulam no meio social produzindo sentidos e consequências. No entanto, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social [...] as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros. Essas representações foram construídas mediante a óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente. Conforme afirma Judith Butler, (apud FERNANDES e SOUSA, ano, p. 104).

Existem diferentes grupos sociais que se sentem representados pela sua simbologia, cultura e pela sua diferença, sendo que muitas das vezes o grupo de referência (tida como superior), usam do sistema que domina a representação para rebaixar historicamente ou dentro do convívio social, determinados grupos sociais, como por exemplo o negro. Segundo Fernandes e Sousa (2016, p.106) “o negro recebe a “marca” do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. Frantz Fanon já havia chamado esse processo de “esquema epidérmico” do sistema colonial”, [...].

É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade. Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal. (GOMES 2002 p.39).

No Brasil, “o Conceito de identidade negra foi reelaborada, [...] resignificado pelo Movimento Negro, o qual lhe atribuiu um sentido político e positivo de valorização cultural e histórica dos povos negros, não se restringindo”, conforme os argumentos de SILVA 2010 (apud, OLIVEIRA 2017, p.37). Para tanto, a mesma afirma que “identidade negra deve ser entendida como um processo aberto em constante construção”, (p.36). Pois, entendemos que a identidade negra, deve ou deveria assumir uma postura política em face da sociedade, como também ato construção, desconstrução, ato de autoafirmação como negro se sentir bem perante a sociedade e melhor ainda com a própria identidade. OLIVEIRA reconta que, tornar-se negro “é tomar posse desta consciência, e criar uma nova consciência que assegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUZA, 1983, p. 77 Apud, OLIVEIRA, p.37).

A construção de identidade, representação e educação estão diretamente ligados, visto que, o ensino escolar é um dos fatores que pode ajudar nessa construção.

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades diferenças quanto pode estigmatizá-las, [...] Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. (GOMES 2002, p.39-40).

Mediante isso, pode-se perceber que a identidade não reflete somente no que somos, mas também no que podemos nos tornar, torna o resultado de um processo de sociabilização, ou seja, está em constante processo. Pois então, a identidade negra, muitas das vezes remete quando percebemos o olhar diferenciado do outro, da cultura do outro, também quando os estereótipos negativos relacionados ao “negro” são reproduzidos. Entendemos que as escolas como um local destinado ao ensino, deve ou deveria reconhecer os alunos como sujeitos socioculturais, reconhecendo a inclusão de diferentes experiências e conhecimentos.

## **5 RELEVÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO: UMA BREVE DISCUSSÃO**

O livro didático tem uma importante função como instrumento pedagógico, confeccionada pelo Estado, pois, antes de chegar às escolas precisa passar por um processo de seleção e autorização pelo Ministério de Educação (MEC), para assim poder ser permeado e utilizado pela comunidade escolar e pela sociedade. Os LD, são recursos educacionais utilizados em procedimentos de ensino, tencionando a aproximação do aluno com o conteúdo Freitas (2013, p.32). Visto que, os mesmos possuem recursos basilar que contribuem tanto para o processo de formação da identidade pessoal como social.

Destacamos esses materiais supracitados, como instrumento importante na construção do ensino e aprendizagem do aluno. Chopin (2008 p.72) afirma que a definição do livro escolar tem a sua variação de acordo com épocas, lugares e contexto político. Ainda acrescenta que “o livro escolar não é um dado, mas o



resultado de uma construção intelectual: não pode então ter uma definição única. Já o Bittencourt (2008) explica que o livro didático concilia o processo de aquisição de conhecimento:

Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina. (BITTENCOURT, 2004, p.296).

Referente ao assunto, compreendemos que o LD funciona muito bem como um instrumento de suporte que possibilita a prática de ensino ou à prática pedagógica. O livro didático é assim um material de grande relevância, pois, como refere o Bittencourt (2008, p.298) "é uma questão política e torna-se um ponto estratégico que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno". Pois, eles devem ser usados de acordo com as reais expectativas pedagógicas à disposição do aluno e que permeia a cultura cotidiana escolar. Para Apple (1997), os suportes ou ferramentas elementares em contexto escolar da cultura socialmente:

São os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo (...) são os textos destes livros que frequentemente define qual é a cultura legítima a ser transmitida (APPLE, 1995, p.81).

Ainda o autor sustenta que,

Eles são ao mesmo tempo, o resultado de atividades políticas, econômicas e culturais de lutas e concessões. Eles são concebidos, projetados e escritos por pessoas reais. Eles são publicados dentro dos limites políticos e econômicos de mercados, recursos e poder. E o que significam os livros e seu uso envolve disputas em comunidades com compromissos evidentemente diferentes e também entre professores/as e alunos/as (APPLE, 1997, p.74).

Percebe-se que os LD representam no sistema educacional como um recurso determinante, escritos e publicados por pessoas reais, e posteriormente envolverá outros indivíduos, são materiais curriculares escritos que ajuda principalmente na organização do plano de estudo e no processo do ensino e aprendizagem dos alunos.

## 5.1 ANÁLISE I – LIVRO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DE CABO VERDE: 5º ANO

No que diz respeito à análise de livros didáticos escolares, são a observação e verificação do material em si. Portanto, atentamos na apresentação de alguns aspectos estruturais ou dos elementos do nosso objeto de estudo sendo eles: A capa do livro, os autores, as editoras, os índices, as propostas metodológicas, as atividades, a linguagem utilizada e as referências bibliográficas.

A figura abaixo representa a capa do livro da disciplina de História e Geografia de Cabo Verde, do 5º ano. O livro em si, é destinado ao 2º ciclo do ensino básico obrigatório formal, o mesmo foi produzido com a participação de diversos/as autores/as em conjunto com o Ministério de Educação.

**Figura 4** - Capa do livro de História e Geografia de Cabo Verde, do ensino básico.



Fonte: Ministério de educação de Cabo Verde (2022).

Em relação a tipografia da *capa do livro*, foram observados os seguintes aspectos que serão descritos abaixo. A *capa*, é uma das partes iniciais que compõe a estrutura física do livro didático e fica na parte externa, ou pode-se dizer que é considerada como rosto do livro.

Na análise de um livro, a capa é um dos elementos que merece uma atenção significativa. Para (Bittencourt, 2008, p.312) “a análise da capa sempre fornece indícios interessantes, desde as suas cores e ilustrações até o título e as informações sobre as vinculações com as propostas curriculares”.

Na parte superior, localiza-se o nome ou o título do livro, observa-se também o *desenho* e as *cores* que o compõe, neste caso o azul representando o oceano ou o mar, o castanho caracterizando o arquipélago ou as ilhas no meio do oceano, o verde de tonalidade mais clara, representando a costa da África que mantém do lado direito da capa, e a tonalidade mais escura representando Portugal (e que pela sua posição fica acima da África), o branco e vermelho compõe as velas do barco, também tem o desenho de bússola na cor preta. Para (MORAIS, 2010, p. 62) a capa “pode também responder pelos quesitos de criatividade, uso planejado de recursos e busca de identificação com seu público”. Entende-se que um outro papel relacionado a capa, basicamente é a sua identidade que ela passa, é dar uma aparência distinta e particular, como também tem o objetivo de diferenciar de outras capas de outros manuais e conteúdo. Atrevemos em deixar ressaltado duas provocações: Quais e como os aspectos característicos contribuem para os possíveis pensamentos produzidos pela capa? Será que a capa remete aos assuntos abordados no desdobramento do livro?

No entanto, conforme Isabel Afonso (2014, p.149), “o manual escolar, como um auxiliar no desenvolvimento do currículo, influência quer professores quer alunos quanto a ideologias, concepções, valores, teorias e mensagens por ele transmitidas, incluindo as competências a desenvolver pelos alunos”. Percebe-se que aos manuais escolares, estabelece uma relação entre o sistema de educação formal, com os alunos, professores e família, pois, para chegar a estes passam por um processo de edição, construção e estruturação.

Autores e editoras são cruciais nesse segmento. Quanto à editora, normalmente as informações aparecem sinalizadas na capa do livro, neste caso não ocorreu, diferentemente do livro de língua portuguesa o qual iremos descrever mais abaixo. Conforme Bragança (2001) “a cultura letrada exige livros para a transmissão do aprendizado”. Portanto, é fundamental a função de editoras para o processo de elaboração dos manuais escolares.

Em relação às atividades e propostas metodológicas nos livros didáticos requerem uma atenção. Em artigo de Aristeu Rocha, ele relata que, “é interessante refletir sobre a importância da metodologia para o desenvolvimento de uma ação pedagógica de qualidade. Os pressupostos teóricos metodológicos são essenciais para o bom nível do processo ensino-aprendizagem”. Para Bittencourt:

As críticas sobre os métodos de ensino levaram os educadores, no fim dos anos 60 do século XX, a dar maior ênfase a esse aspecto, e a renovação do ensino recaiu assim nas questões metodológicas. A ênfase na necessidade de renovação metodológica favoreceu o surgimento de propostas que separavam os métodos de ensino dos conteúdos explícitos. Em várias propostas de renovação dos métodos, notadamente na de alguns educadores que surgiam as tendências herdadas da Escola Nova, prevalecia a concepção de que o conteúdo das disciplinas escolares era apenas um meio para atingir determinado tipo de aprendizado. (BITTENCOURT, 2008, p. 225).

Portanto entendemos que as propostas metodológicas ou mesmo os conteúdos nos/dos livros didáticos escolares ao longo do seu desenvolvimento histórico exercem funções importantes e orientam o decurso da formação académica dos alunos, tendo em consideração as suas realidades socioculturais. Desta feita, a história e a língua ou linguagem são itens importantíssimos no contexto de aprendizagem do aluno.

A partir da análise do *Índice* do livro de História e Geografia percebe-se que estão numerados em 100 páginas. Estão divididos em 3 temas sendo o 1º: “Apresentação da disciplina”, o 2º: “Cabo Verde: Localização e meio natural” e o 3º: “O passado das ilhas de Cabo Verde”. As abordagens dos conteúdos estão subdivididas em outros subtemas ao longo do livro, representando Cabo Verde fazendo referências a sua localização, meio natural, suas origens, passado histórico e cultura, e dessa forma essas representações, além de contribuir para o auxílio de conhecimentos, como também apoia sobre uma forma positiva aos estudantes um sentimento positivo sobre a identidade negra-africana.

Ao verificarmos o índice, e direcionarmos a página 14 por exemplos nos chama atenção um subtema, intitulado de “*A localização do Arquipélago de Cabo Verde*”, e antes mesmo de amostrar o conteúdo em si, iniciou-se com a letra da melodia “Des <sup>1</sup>Grãozinhos d’Terra” de Jorge Fernandes Monteiro (1913-1998). Acreditamos que além de valorizar Cabo Verde em si, valoriza muito também a língua crioula, em soma valoriza o escritor Cabo-verdiano. Porém, uma das observações que fizemos ao longo da análise, é que são pouquíssimas representações ou atividades em língua cabo-

---

<sup>1</sup> Jorge Fernandes Monteiro, Jonamonte, pseudónimo de Jorge Fernandes Monteiro, ao que se contava, nascido a bordo de um navio à chegada aos EUA. Filho de emigrantes cabo-verdianos, regressou à terra da sua família aos 12 anos. Estudou no Conservatório de Lisboa e permaneceu em Cabo Verde até falecer em 1998 aos 85 anos de idade, Maestro, fundador de uma banda que tocava para o povo aos domingos na Praça Nova, virtuoso do trompete, exímio executante de vários instrumentos musicais e autor de alguns das mornas mais famosas, foi também o nosso inesquecível Professor de música no Liceu Gil Eanes no Mindelo. [...] lecionou durante mais de 50 anos sempre com o mesmo empenho e vivacidade para música. Viu pelo menos duas gerações pelo menos sentada à frente na sala de aula.

verdiana, sendo que a língua materna uma das representações principais da identidade de um país. A linguagem utilizada de uma forma geral neste componente, é a língua portuguesa, a língua considerada oficial.

**Figura 5** - Figura retirada do livro História e Geografia



# 1

## Cabo Verde: Localização e meio natural

### 1. A Localização do Arquipélago de Cabo Verde

Sabias que...

A nossa música fala da história e da geografia de Cabo Verde? Neste caso, deixamos, ao abrir deste subtema, a letra da melodia **Dez grãosinhos d'terra**.

**Dez grãosinhos d'terra**

Ej dej grãosinhos di terra  
ki Deus xpaiá na mei di mar  
El é di noj, ka t'mod na guerra  
É Cabo Verde terra kerida

Ôh Cabo Verde terra 'stimada  
Terra di paz, terra di gozo  
Tud kem djobebo pa sê ragoce  
El ka ta bai, el kre fiká  
E sel mandado el ta txorá

Txora sodade di boz morenas  
Kel ta levá na pensamento  
Txorá recordações eternas  
D'tempo kel ka tinha Sofrimento

Autor: Jorge Fernandes Monteiro  
"Jotamont" [...]



**Jorge Fernandes Monteiro (Jotamont)**  
(1913 - 1998)

14

1 | Cabo Verde: Localização e meio natural

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p. 14.

Nas páginas seguintes, (p. 15), demonstra como título, “Os mapas em Geografia e em História” e subtítulo “As representações da Terra: globos e mapas”. Tiveram a preocupação de apresentar no livro algumas imagens, na figura 1 que corresponde “a terra vista do espaço”, a figura 2 que se refere à “globo terrestre” e a figura 3 “o planisfério”. No final da página 15, encontra-se uma atividade de 3 questões. Na página 16, em demonstração tem um mapa de Cabo Verde, com os seguintes destaques, a *legenda*, a *orientação*, a *escala* (numérica e gráfica), e acreditamos nós, que tanto as figuras quanto a atividade pode ser uma estratégia que auxiliará os professores a se aproveitarem e ajudar os alunos a construir seus conhecimentos, e fixando bem os conteúdos ministrados. Acreditamos também que em soma contribui para informação e formação social e identitário do(a) aluno(a), enquanto indivíduo de uma sociedade, como refere o Programa de HGCV 5º e 6º do 2º Ciclo do Ensino Básico Obrigatório.

**Figura 6 - Figura retirada do livro História e Geografia**

### 1. 1. Os mapas em Geografia e em História

#### As representações da Terra: globos e mapas



Chamamos Terra ao planeta onde vivemos. O nosso planeta tem a forma aproximadamente esférica e ligeiramente achatada (aplanada) nos polos (figura 1) e pode ser representado através de globos, mapas, fotografias aéreas e imagens de satélites.

O **globo terrestre** representa o nosso planeta (figura 2), de forma mais fiel, isto é, a que menos deforma a realidade. Contudo, esta forma de representação da Terra tem uma grande desvantagem, já que não facilita a visualização de todos os lugares à superfície terrestre de uma só vez.

O **mapa** é outra forma de representação da superfície terrestre. Um **planisfério** é um mapa que representa todo o planeta (figura 3). O mapa é mais utilizado, por ser de fácil transporte e permite visualizar os continentes e os oceanos de uma só vez.

A grande desvantagem desta forma de representação é que muda a forma e a dimensão dos lugares.



Figura 2. Globo Terrestre



Figura 3. Planisfério

**Vou resolver.**

1. Como se designa o mapa que representa toda a superfície terrestre?
2. Qual é a forma mais fiel de representação da Terra? Justifica a tua resposta.
3. A partir das figuras 2 e 3, refere as vantagens e as desvantagens de representar a Terra num:
  - a) globo terrestre;
  - b) planisfério.

(A Localização do Arquipélago de Cabo Verde)

115

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p. 15.



**Figura 7** - Figura retirada do livro História e Geografia

### Os elementos do mapa

Quando observas um mapa, tens que ter em atenção os elementos principais que são: o **título**, a **orientação**, a **legenda**, e a **escala**. Por exemplo (figura 4):

O **título** permite saber o que está representado no mapa.

A **legenda** diz o significado dos sinais ou cores usados no mapa.

A **orientação** é utilizada para facilitar a localização dos lugares. No mapa aparece uma seta com a direção do norte, ou a rosa dos ventos.



Figura 4. Arquipélago de Cabo Verde

A **escala** indica o número de vezes que a realidade foi reduzida para caber no mapa.

A escala de um mapa pode ser de dois tipos:

> A escala numérica

Por exemplo 1/500 000 significa que um centímetro no mapa corresponde a 500 000 centímetros na realidade;

> A escala gráfica

É representada por um segmento de reta dividido em partes iguais. No mapa do Arquipélago de Cabo Verde podes observar que a cada divisão (1 cm no mapa) correspondem 20 Km na realidade.

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.16.

Nas páginas que vem a seguir também tem bastante informações e figuras com mais detalhes e pormenores sobre mapas, elementos geométricos da esfera terrestre, os oceanos e continentes, e posicionamento geográficos de Cabo Verde, e informações sobre “o arquipélago de Cabo Verde” sempre acompanhados de figuras ao lado. No que tange às análises e considerações sobre o assunto referidos nesta parte do livro de história, constam avaliação em síntese e algumas atividades (p.26), creio nós que é para ponderar e avaliar os alunos de tudo que foi estudado durante um determinado período.

**Figura 8** - Retirada do livro de História e Geografia

**Verifica o que aprendeste**

1. Como sabes, existem várias formas de representar a Terra.

1. 1. Escreve, na coluna da direita, o número que corresponde a cada uma das formas de representação da Terra.

|                |                          |                                                                |
|----------------|--------------------------|----------------------------------------------------------------|
| 1. Planisfério | <input type="checkbox"/> | Representa toda a superfície terrestre num plano.              |
| 2. Globo       | <input type="checkbox"/> | Representa uma parte da superfície terrestre, num plano.       |
| 3. Mapa        | <input type="checkbox"/> | Representa toda a superfície terrestre com uma forma esférica. |

2. Diz qual das formas de representação da superfície terrestre se aproxima mais da sua verdadeira forma. Justifica a resposta.

3. Indica os elementos que permitem interpretar o mapa.

4. Observa, atentamente, as seguintes figuras e responde às questões:

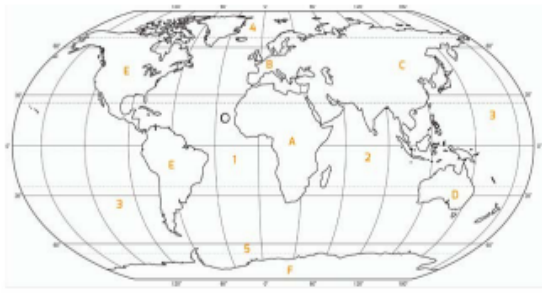


Figura 1.



Figura 2.

4. 1. Completa a rosa dos ventos da figura 2, escrevendo, no local correto, os pontos cardeais e os colaterais.

4. 2. Explica o significado da escala da figura 1.

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.26.

Na segunda parte do livro e logo na página 29, vai tratar sobre sobre o tema “Cabo verde - Meio Natural”, e inicia-se com um poema de Jorge Barbosa (1902-1971)<sup>2</sup> um dos poetas cabo-verdianos, e neste destaca-se um poema dedicado ao arquipélago e ao ambiente. Abaixo consta a figura.

<sup>2</sup> Jorge Barbosa (1902-1971): Jorge Vera-Cruz Barbosa nasceu na ilha de Santiago, Cabo Verde, em 1902. Faleceu em Cova da Piedade, Portugal, em 1971. Foi funcionário público. Um dos membros mais



**Figura 9** - Retirado do livro História e Geografia

1

## Cabo Verde: Localização e meio natural

## 2. Cabo Verde - Meio Natural

?

Sabias que...

Os poetas do nosso país escreveram vários poemas dedicados às ilhas de Cabo Verde? Entre eles destaca-se Jorge Barbosa (1902/1971) com os livros *Arquipélago* e *Ambiente*.

**Paisagem**

Malditas  
êstes anos de seca!  
Mete dó  
o silêncio triste  
da terra abandonada  
esmagada  
sob o peso  
do sol penetrante!  
[...]  
Árvores pasmadas  
sequiosas  
com restos ainda  
dos ninhos que abrigaram,  
deixaram rogativas silenciosas  
no desolamento da paisagem!  
[...]



**Jorge Barbosa (1902 - 1971)**

Ativar c  
Acesse Co

Cabo Verde - Meio Natural 29

Fonte: Retirado do livro História e Geografia p. 29.

importantes do movimento Claridade. Publicou: *Arquipélago* . São Vicente: 1936; *Ambiente*. Praia: Cabo Verde, 1941. *Caderno de um Ilheu*. Lisboa: 1956.

**Figura 10** - Retirado do livro História e Geografia

## 2.1. O relevo



Figura 1. Formas de relevo

das chuvas, do vento e da própria atividade humana.

O relevo são as formas que assume a superfície do nosso planeta (figura 1).

### O relevo assume várias formas:

- **Montanha** é uma forma de relevo de maior altitude. A **altitude** é a distância medida na vertical entre o nível médio da água do mar (0 metros) até o lugar. Neste caso, a altitude é positiva (figura 2). Nas ilhas de sotavento são chamadas de **Picos** e possuem cumes estreitos e alongados. O maior é o Pico do Fogo com 2829 metros de altitude, seguido de Tope de Coroa com 1979 metros de altitude (quadro 1 e figura 3). Na figura 2, os lugares B e C têm altitude negativa porque estão situados abaixo do nível médio do mar (0 metros).
- **Planalto** é uma superfície de topo mais ou menos aplanada de altitude elevada. Nas ilhas de sotavento são chamados de **achadas**.
- **Planície** é uma superfície extensa e plana de baixa altitude. Este tipo de relevo é predominante nas ilhas orientais (Sal, Boavista e Maio) (figura 3).
- **Vale** é uma área de baixa altitude rodeada por áreas mais elevadas. Podem ser vistas nas ilhas de Santo Antão, São Nicolau e Santiago e nas outras ilhas montanhosas.
- **Serra** é um conjunto de montanhas.
- **Colina** é uma pequena elevação de cumes mais ou menos arredondados.



Figura 2. Altitude (A), Altitude negativa (B), Profundidade (C)

Para conheceres melhor o relevo de Cabo Verde é importante viajares pelas ilhas e observares diretamente as montanhas (picos), as planícies e os vales. Também é necessário saberes estudar o relevo através de mapas que representam o relevo a cores – mapas hipsométricos. Nestes, cada

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p. 26.

Na página 30, acentuou algumas definições como por exemplo, relevo, montanha, planície, colina, estes são assuntos muito tratados no componente de Ciências Integradas, pois também em disciplina de História e Geografia pode-se muito bem trabalhar esses assuntos, dedicando atenção às paisagens do país, a cultura, e também a identidade cabo-verdiana. Nas páginas abaixo vem tratando sobre os fatores climáticos de Cabo Verde, clima, vegetação e entre outros. É interessante percebemos que o conteúdo vem sempre em conformidade com as figuras ao lado, de modo que atende e estimula a imaginação e aprendizagem dos alunos. Em lauda 46 do mesmo livro o tema abordado é “Descoberta das ilhas de Cabo Verde”, e o subtema é “Contexto das descobertas e da expansão europeia”.

**Figura 11** - Retirado do livro História e Geografia

## 2

# 1

### 1. Descoberta das Ilhas de Cabo Verde

#### 1.1. Contexto das descobertas e da expansão europeia

A história das ilhas de Cabo Verde começa a partir do século XV, com a chegada dos portugueses ao arquipélago.

No século XV, a Europa teve a necessidade de expandir o seu mercado e a solução foi pela via marítima. Os europeus ambicionavam comprar os produtos do oriente e da China, mais baratos, evitando as longas viagens por terra, que eram mais arriscadas e dispendiosas.

Neste período, os europeus viviam com algumas dificuldades:

- fomes;
- peste (negra);
- guerras.

Os europeus necessitavam de:

- cereais – para a alimentação;
- ouro – para fazer moedas que serviam para as trocas comerciais;
- matérias-primas e mão de obra para as transformar.

Estas viagens provocaram importantes mudanças na Europa e nos territórios onde os europeus estabeleceram contacto.

Até ao século XV, os europeus consideravam a Europa o centro do mundo. Tinham alguns conhecimentos do Norte de África, da Ásia e parte do Ártico (Islândia e Gronelândia). Não conheciam o continente Americano nem Antártico.



Caravela latina de Bartolomeu Dias no Cabo das Tormentas, Comandante Sousa Machado, 1987



Dúvidas dos europeus, nos séculos XIV-XV, sobre a África (na crista da onda, CNC DP, 1999).

46  
 Ace  
 tiv  
 id  
 e

2 | O passado das ilhas de Cabo Verde

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.46.

Nas laudas que vem a seguir, abordam conjuntos de acontecimentos relativos ao passado e a história com referência ao povo caboverdiano. “Estão abordados assuntos concernente à “Pioneirismo Português”, “problemática dos descobrimentos”, “ocupação das ilhas”, “povoamento”. Relativo ao assunto sobre o povoamento a página 56 e 57 explica os dois grandes grupos que tiveram mais impacto no povoamento do país.

**Figura 12** - Retirado do livro História e Geografia

Começaram então a procurar terras no interior da ilha para a produção agrícola e criação de gado. São os produtos resultantes da atividade agrícola, da criação de gado e de extração que vão ser utilizados nas trocas comerciais.

Para realizar estas atividades era necessário muita mão de obra escrava africana.

Estes escravos negros não serviram apenas como trabalhadores, também foram povoadores e colonizadores das ilhas. A partir desse período, houve um aumento do tráfico de escravos africanos para as ilhas.

**Escravo:** pessoa sem liberdade, que pertence a uma outra pessoa e faz a sua vontade.

**Tráfico de escravos:** comércio regular de seres humanos escravizados. Este comércio era feito através da captura e violência.



Habitantes de Cabo Verde (AHU)



#### Saber mais.

Quando os europeus estabeleceram, no século XIV, os primeiros contactos com o continente africano, encontraram vários tipos de dominação e de dependência de indivíduos, os quais designaram de escravatura.

Com a chegada dos europeus à África, aumentou o tráfico de pessoas escravizadas. Essa prática já existia por outras vias, nomeadamente no Índico. Os europeus foram responsáveis pela abertura de uma nova rota, desta vez no Atlântico.

Na rota atlântica, foram traficados mais africanos do que em outras rotas e em menos tempo.

### Principais grupos que participaram no povoamento

Cabo Verde foi povoado por dois grandes grupos: brancos europeus e negros africanos.



Ribeira Grande (AHN)

#### Europeus

Da Europa, na maioria portugueses e do sexo masculino, vieram vários grupos:

- comerciantes e povoadores ligados à administração (feitores, provedores, contadores e ouvidores e à religião (padres e missionários).
- os degredados (indivíduos enviados para uma outra região devido a algum crime);
- os estrangeiros e os seus descendentes, entre os quais, genoveses, castelhanos e flamengos;



**Figura 13** - Retirado do livro História e Geografia

- a tripulação e os mercadores que faziam escala na ilha, podendo ficar durante alguns dias;
- cristãos-novos (judeus recém convertidos ao cristianismo) em fuga das perseguições na Europa.

**Estrangeiros:** eram europeus não nascidos em Portugal. Mais tarde, passou-se a incluir os americanos, tanto do norte como do sul.

### Africanos

De África participaram negros escravizados e alguns homens livres.

Os africanos que foram trazidos para as ilhas eram provenientes, na sua maioria, da costa da Guiné.

Os grupos predominantes desta região foram: Wolof, Mandinga, Balanta, Papel, Bijagó, Felupe e Fula.

**Costa da Guiné ou Rios da Guiné:** Para os portugueses dos séculos XV, XVI e XVII o litoral africano significava desde Cabo Verde até à Serra Leoa.



Habitantes da Guiné - Gravura de Baltazar Springer, 1650



Carta da ilha do Fogo

### Povoamento da ilha do Fogo

A seguir a Santiago, deu-se o povoamento da ilha do Fogo, nos finais do século XV.

Com o aumento da população na ilha de Santiago, alguns moradores começaram a buscar outras terras. Parte da população de Santiago passou a habitar na ilha do Fogo, que ficava mais próxima.



### Vou resolver.

1. Quando se iniciou o povoamento das ilhas de Cabo Verde?
2. Qual foi a primeira ilha a ser povoada?
3. Quais foram as dificuldades encontradas no povoamento?

Ativa  
Acesse

A ocupação das ilhas

57

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.57.

Ainda concernente ao assunto, os subtópicos do livro tratam sobre os grupos centrais que estiveram no processo do povoamento das ilhas de Cabo Verde, dando origem ao povo cabo-verdiano. Portanto, iremos discorrer um pouco sobre o item

## 5.2 AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS EM CABO VERDE: UMA BREVE DISCUSSÃO

Neste sentido é pertinente realçar sobre o processo de formação das mestiçagens, e suas características para o processo da constituição do povo cabo-verdiano.

O escritor cabo verdiano David Almada (2006, p.9) num dos seus argumentos expõe que, “a cultura, a identidade [...] constituem valores essenciais na afirmação de Cabo Verde no Mundo e no seu processo de desenvolvimento e, hoje, uma das principais fontes de batalha”. O país tem uma representação privilegiada geograficamente, que ficou conhecida como ponto de apoio e seguimento da expansão marítima portuguesa (final do Séc. XV) e a atuação comercial na costa africana, tendendo o povoamento do país (ALMADA 2006). Também entendemos que o povoamento das ilhas se deu lentamente, porém, a mobilidade no processo de miscigenação e o seu expansionismo esteve no plano dos portugueses para com o arquipélago. Almada (2006, p.52) discorre que, “em Cabo Verde houve uma dupla miscigenação étnico-cultural. Uma, envolvendo Europeus e Africanos, outra, envolvendo as várias etnias negro-africanas que concorreram para a constituição da população cabo-verdiana”. Percebe-se que a questão da identidade do país vem de uma construção histórica problemática, envolvendo o processo de colonização e encontros dos principais grupos que participaram neste seguimento.

No processo de colonização, os portugueses não mediram esforços para camuflar a história e identidade do povo cabo-verdiano. Segundo Madeira, a mestiçagem é um fator que sempre está presente na realidade cabo-verdiana, presente neste caso, ao longo das gerações. O mesmo explica que:

A identidade cultural do povo cabo-verdiano funde-se no cruzamento das características próprias de duas civilizações (a europeia e a africana), da qual emergiu a mestiçagem, e é conservada como uma realidade sempre presente, de geração em geração. Como resultado dessa miscigenação, surge também o mestiço que passou a ser um importante elemento na divulgação e afirmação da identidade e cultural cabo-verdiana. Do “acaso bem-sucedido”, o mestiço, por entrelaçar historicamente as duas civilizações (a africana e a europeia), começa oportunamente a reivindicar posições administrativas numa sociedade insular, marcada acentuadamente pelo abandono sistemático dos colonos europeus (a camada branca economicamente bem posicionada), já que tinha deixado de ser atrativo habitar nas ditas ilhas do arquipélago. Nos finais do século XIX, as condições sociais precipitaram uma mudança nessa

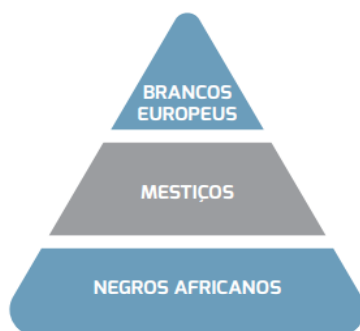
desigualdade racial de privilégios, tendo, para isso, contribuído o aparecimento de um grupo social, que reivindica para si uma posição de mediador, com um estatuto especial no esquema colonial português para a população das ilhas: o mestiço.

No início do povoamento, Cabo Verde perante uma sociedade escravocrata havia no país dois grandes grupos, os brancos europeus, que eram em menor quantidade, porém se encontravam-se e se consideravam como os mais importantes da sociedade, e os escravos em maior quantidade, não possuindo nenhuma regalias. Diante disso, os colonizadores se sentiam no poder de se relacionar com as mulheres negras escravas, desconsiderando a violência que estas passavam, e fruto disso nasciam os mestiços. Madeira sustenta:

O mestiço passa, efetivamente, a desempenhar um papel de extrema importância na configuração social, política e económica em Cabo Verde, por encerrar na sua génese princípios de miscigenação, contribuindo para a afirmação de uma cultura genuína, moldada na sua identidade. Com a ascensão gradual dos mestiços “filhos da terra,” quer na conjuntura política, quer na económica ou social, estes passam a adquirir cargos reconhecidos, tanto no âmbito literário, como no cultural. O mestiço passa a simbolizar a luta pela afirmação cultural e conquista de direitos na sociedade cabo-verdiana. (MADEIRA, 2014, p.9).

O livro didático de história e geografia demonstra uma pirâmide, onde verifica-se uma diminuição considerável de negros africanos (escravos), como podemos ver na base da pirâmide, e o aumento de mestiços no país. Estes últimos, recebiam um tratamento diferenciado por parte dos colonizadores, como mesmo afirmou Madeira (2014).

**Figura 14** - Retirado do livro História e Geografia



Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.58.

No que concerne ao livro didático sentimos que precisavam trazer esse assunto com mais profundidade, pois o país é fruto de uma história complicada, desde realidade política, social e cultural, em prole várias questões, como estupros, resistência do povo negro, e distinções, e até os dias de hoje os negros mais retintos e os “mestiços”, no país notam-se diferenças em diferentes aspectos, cargos e âmbitos.

O que também poderíamos abordar neste estudo, como algo que muito faz parte da identidade cabo-verdiana é a agricultura. Segundo o livro didático em análise, a agricultura ou mesmo a estabilização de alguns produtos agrícolas foi uma das dificuldades encontradas durante o povoamento, devido ao clima (no qual os portugueses não estavam familiarizados) consequentemente um péssimo aliado para produtividade de alguns alimentos no qual consumiam. Por outro lado, alguns produtos adaptaram-se com sucesso, no caso da cana de açúcar, algodão, milho (considerado a base alimentar cabo-verdiano) e manteve-se até os de hoje, contudo, nota-se uma certa resistência em relação ao cultivo desses alimentos, e a criação de gado também. Segue as figuras abaixo da página 59, 60.

**Figura 15** - Retirado do livro História e Geografia.



Um dos tipos de panos fabricados nas ilhas

Fonte: Livro de História e Geografia de Cabo Verde, p.59 e 60.



O pano de terra é um dos tipos de panos fabricados nas ilhas, feito com algodão e por negros africanos. De acordo com Neusa Amarante, (2012 p.17/18) “falar do pano de terra implica necessariamente referir a introdução do algodão nas ilhas”. Após o descobrimento de Cabo Verde o cultivo do algodão foi estendido, pelo menos, às ilhas de Santiago e Fogo”. A mesma em seus argumentos, relata, que, por muito tempo, tanto o algodão quanto o pano de terra tiveram uma importância sublime na economia de Cabo Verde, foram considerados como um dos produtos mais importantes no comércio de escravos na costa da Guiné, com uma excelente procura por parte dos nacionais e não nacionais, isso no séc. XVII (BALENO, 2002: 183, apud, AMARANTE). Concernente ao assunto, a mesma sente necessidade de apontar:

O pano-de-terra revela a diversidade e a fusão cultural do cabo-verdiano. Assim como o crioulo, que se originou do encontro da língua portuguesa e das várias línguas africanas, o pano-de-terra também se afirmar como signo e sina da cabo-verdianidade, o que significa dizer, de uma identidade inconfundível (FILINTO, 2005: s/p, apud, AMARANTE, p.18).

Podemos perceber que o pano de terra é um elemento pertencente à representação da identidade cabo-verdiana, assim como outros supracitados na referida análise.

**Figura 16** - Retirado do livro História e Geografia



Selos sobre as revoltas populares AHN

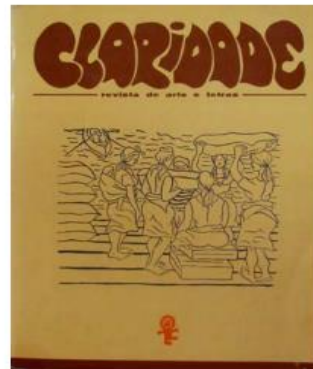
Fonte: Livro de História e Geografia, p. 89.

A imagem representa selos sobre revoltas populares.

### Figuras 17 - Retirado do livro História e Geografia

#### E, no próximo ano vais estudar:

- o passado das ilhas de Cabo Verde (continuação);
- a cultura cabo-verdiana/quadro cultural das ilhas;
- descolonização de Cabo Verde;
- a formação do Estado Cabo-verdiano.



Fonte: Livro de História e Geografia, p. 98.

As imagens acima, figura 17, representa uma das datas marcantes na história de Cabo Verde. Aconteceram várias revoltas sociais no país, e trouxemos como exemplo a revolta de "Rubon Manel" que ocorreu na ilha de Santiago data de 1910. Também representa a bravura das mulheres que participaram vivamente nas revoltas sociais do país.

A figura 18, representa os combatentes pela luta da libertação nacional, como figura principal o Amílcar Cabral, representa também a "claridade", "uma revista literária e cultural de cabo verde, se encontrava como o centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana". Se mostra também a bandeira de Cabo Verde, e da Guiné Bissau, tem a exposição da imagem dos representando os escritores e compositores de Cabo Verde. Nessa última figura

representam conteúdo a serem estudados no 6º ano de escolaridade do ensino básico.

É interessante o livro trazer esses diferentes exemplos que apresentam a referência, dos poetas, dos combatentes, escritores ou intelectuais dentre outros conteúdos que caracterizam a representação de memórias e identidade negra. Compreendemos que a relação entre identidade e memória é relevante, nas sociedades modernas. Neste sentido, no âmbito escolar, manter essa relação é importante justamente para frisar que a identidade negra não se resume somente a escravidão, por outro lado, para os alunos descobrir, conhecer e socializar referências africanas anuncia seus conhecimentos do que é ser negro africano e saber valorizar isso. Importante frisar que ser africano em Cabo Verde ainda é um tabu, para muitos cabo-verdianos, ou seja, muitos não têm plena consciência disso.

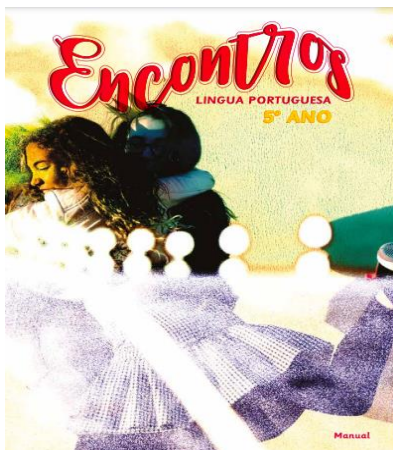
Continuando no quesito, sobre a relação entre a memória e identidade, alega Diop (1974, n.p.), que “a memória da recente escravidão a qual a raça preta foi sujeitada, claramente mantida viva na mente dos homens e, especialmente, nas mentes Pretas, muitas vezes, afeta negativamente a consciência Preta”. Por isso entendemos a importância dos livros didáticos retratar sobre a representação da identidade negra. Como refere Gomes (2002, p.39), “é nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade’. A autora ainda sustenta que “a escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra”.

No tópico a seguir analisaremos o livro didático de Língua Portuguesa.

### 5.3 ANÁLISE DO LIVRO II – LIVRO DE LÍNGUA PORTUGUESA: 5º ANO

Atentamos na apresentação de alguns aspectos estruturais ou dos elementos do nosso objeto de estudo sendo eles: A capa do livro, os autores, as editoras, os índices, as atividades e propostas metodológicas, a linguagem utilizada.

**Figura 18** - Capa do livro de Língua Portuguesa



Fonte: Livro de língua portuguesa.

Referente a capa do livro de língua portuguesa, na parte superior depara-se com o título do livro, “Encontros língua portuguesa 5º ano” apresenta-se duas pessoas aparentemente do sexo feminino e brancas, se abraçando, e de cabelo liso, em contrapartida, vê-se que a imagem não contempla ou não realça a representação identitária sobre o meio social dos alunos.

Na segunda folha do livro encontram-se algumas informações relevantes, tais como: o próprio título, autores (Margarida Santos, Rosa Santiago), Design Gráfico, Banco de Imagens e Ilustração, Revisão Linguística por Direção Nacional de Educação, Coordenação Geral também pela Direção Geral de Educação, o Editor (Ministério de Educação), os autores Margarida Santos e Rosa Santiago, a Impressão e acabamento pela Imprensa Nacional de Cabo Verde, e a edição do livro feita em 2018.

Os livros didáticos são recursos pedagógicos importantes contendo conteúdos necessários para prática e desdobramento de informações ou conhecimentos, tanto para professores como para alunos. É importante frisar que a disciplina referida, é um componente integrante no currículo escolar cabo-verdiano, “portanto, à área de Língua Portuguesa, já que todo professor depende da linguagem para desenvolver os aspectos conceituais de sua disciplina”. (BRASIL, p.31). Vejamos:

No processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, [...] possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades

de participação social no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998 xx, p. 32)

Assim sendo, assimilamos que a seleção de conteúdo, atividades e propostas metodológicas são cruciais “em função das necessidades e possibilidades do aluno, de modo a permitir que ele, em sucessivas aproximações, se aproprie dos instrumentos que possam ampliar sua capacidade de ler, escrever, falar e escutar” (BRASIL, p. 37), e não só, como também as possibilidades de aprendizagem que os impulsionam a serem indivíduos socialmente críticos.

O livro de língua Portuguesa, corresponde a 132 páginas, o *índice* apresenta uma organização dos conteúdos com 4 unidades no qual consta os seus respectivos tópicos. **Unidade 1: Tópico:** A amizade e os tempos livres; **Unidade 2: Tópico:** Minha terra e minha identidade; **Unidade 3: Tópico:** O meu mundo não tem fronteiras; **Unidade 3: Tópico:** Mídias e tecnologias; Abaixo trouxemos algumas imagens que achamos pertinente a análise do livro de língua portuguesa.

Na página 11 do livro, tem um texto demonstrando diálogo de alunos no primeiro dia de aula, e o mesmo ajuda os alunos a refletirem sobre diferenças identitárias e do pertencimento, e logo ao lado, tem uma figura representando assim crianças de tom de pele escura.

**Figura 19** - Encontro 1 do livro de língua portuguesa

### Encontro 1

É o primeiro dia de aulas. A alegria e o barulho típico das brincadeiras inundam o pátio da escola. Há encontros e encontrões! E também reencontros!

Uns jogam à bola; outros, à malha; dois meninos do terceiro ano brincam de homem-aranha e de outros heróis. No meio da grande algazarra, alunos do quinto ano procuram novos amigos.

-Olá!

- Olá, como é que te chamas?

- Eu sou o Tiago, e tu?

- Sou a Catarina, vim da ilha de Santiago.

- Estás cá há muito tempo?

- Não, cheguei no mês passado, ainda não tenho amigos aqui.

- Olha, então acabaste de arranjar o teu primeiro amigo. Uma das coisas de que eu mais gosto na escola é que todos os anos podemos fazer novos amigos. Amigos de outras ilhas, de outros países, amigos que nos ensinam coisas novas.

- Tenho uma prima que vive na Boavista, na escola dela há meninos de muitos países diferentes. A professora explicou-lhes que devemos respeitar-nos uns aos outros, sem ligar à cor da pele, à raça ou à religião - disse Catarina.

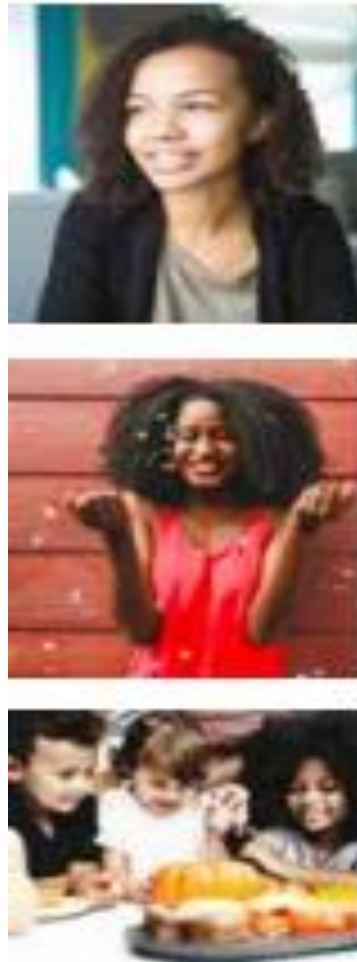
- Gostaria muito de estar numa escola assim. Podia conhecer outras culturas e conviver com amigos que me contassem coisas bem diferentes da terra deles.



Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.

O subtópico em questão é a *Declaração dos Direitos das Crianças*, que além de demonstrar o texto e acesso e as atividades metodológicas, também expõe imagens de crianças felizes, com direito a viver, brincar e a ter uma família.

**Figura 20** - Encontro 1 do livro de língua portuguesa p. 24



Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.



**Figura 21** - Encontro 1 do livro de língua portuguesa p. 35

**Discute com a família**

Brincar e conviver são direitos da criança. São indispensáveis à sua educação e ao seu desenvolvimento harmonioso. Dê à criança a oportunidade de gozar desses direitos!



Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.

Quanto a **representação e da identidade cabo-verdiana**, verifiquemos a unidade 2: *Minha Terra Minha Identidade*, (p.37) traz conteúdos com algumas subunidades como podemos ver: Cabo Verde: ambiente natural; Os grandes marcos da história de Cabo Verde; Figuras marcantes da história e da cultura de Cabo Verde; Grandes eventos culturais e entre outros.

Na página 43 o conteúdo inicia-se com uma síntese da contextualização da história das ilhas de Cabo Verde. Na mesma, enfatiza sobre a “descoberta” das ilhas de barlavento e de sota-vento e o ano de ocorrido. Realça também, sobre a situação estratégica de Cabo Verde e um importante centro comercial e uma das principais rotas dos tráficos de escravos, e também sobre a primeira cidade, de Ribeira Grande construída na ilha de Santiago, hoje denominada Cidade Velha. Frisou como importante a independência do país, e mais abaixo alguns elementos como música, teatro, festivais, identificando uma realidade muito própria de Cabo Verde.



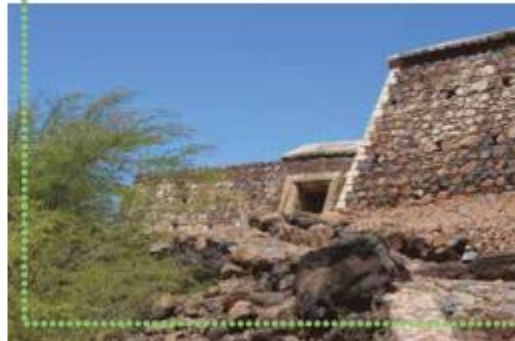


**Figura 23** - Cidade Velha: Património Mundial da Humanidade p. 53

### Cabo Verde: Cidade Velha elevada a Património Mundial da Humanidade

A elevação da Cidade Velha a Património Mundial da Humanidade, decidida pela UNESCO, vai permitir o desenvolvimento do primeiro núcleo populacional surgido na ilha de Santiago, Cabo Verde.

Cabo Verde conta pela primeira vez com uma cidade declarada Património Mundial pela UNESCO. Na Cidade Velha ou Ribeira Grande de Santiago, o ambiente é de festa desde que o anúncio foi feito em Sevilha, Espanha.



Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.

A Figura 23, representa o “Dossier da norma” representando cantores, músicos e poetas e outras entidades cabo-verdianos para quem a norma representa. Na imagem tem o rosto da Cesária Évora, uma das cantoras cabo-verdiano de maior reconhecimento nacional e internacional de toda a história da música deste país. É importante o livro didático trazer referências do tipo, pois ajuda os alunos em ter mais conhecimentos como também enaltecer a própria história e cultura.

**Figura 24** - Retirada da p.57 do livro de língua portuguesa

### «Dossier da morna já está no site da unesco»

O dossier com o pedido de inscrição da Morna na lista representativa do Património Cultural da Humanidade já foi publicado no site da Unesco.

O documento foi entregue a 26 de Março, em Paris, pelo ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente. Na altura, o governante destacou que os responsáveis da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) “ficaram surpreendidos pelo facto de Cabo Verde ter trazido todos os itens sem nenhuma falha”.



Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.

É conveniente referirmos sobre o quesito “língua”, a língua portuguesa e a língua cabo verdiana. A língua crioula de Cabo Verde, é a língua primeira ou materna,

ou seja, é um importante fator identitário do país, uma vez que através dela, neste sentido as crianças percebem suas representações, tanto culturais quanto identitárias.

O livro didático de Língua Portuguesa em análise, é baseado em língua portuguesa. No entanto, existem dois casos no livro que foi explanada a língua Cabo-Verdiana traz a atividade “tema di minis” da página 19, e em outro caso na p.75 demonstrando um poema em língua cabo verdiano e sua tradução em português, como podemos verificar abaixo na figura 24. E na página 76 continuação 77 do livro, encontra-se uma atividade referente ao poema “viaja”, como mostram na figura 25.

**Figura 25** - Retirada da p. 75 do livro de língua portuguesa

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Viajá</p> <p>I</p> <p>Na nha barkinhe M navegá,<br/>         Pa-me ba leva um pok di sol,<br/>         Pa tude kej menine ke ta vive trijte<br/>         Sem paj i sem amor!</p> <p>Koro</p> <p>Kem kre viajá ma mi,<br/>         No ta ba pa tude konte di munde,<br/>         Pa noj ka tem, ninhum frontera,<br/>         Ke ta faze noj pará</p> <p>II</p> <p>No tem um aliad ma noj ke vente<br/>         K'ta leva noj na bom kaminhe<br/>         Noj lema e paj noj arma e amor<br/>         Pa kombatê rasismo.</p> <p style="text-align: right;">Margarida Martins</p> |  | <p>Viajar</p> <p>I</p> <p>No meu barquinho, naveguei<br/>         Para levar um pouco de Sol,<br/>         A todas as crianças que vivem tristes,<br/>         sem paz e sem amor.</p> <p>Coro</p> <p>Se quiseres viajar comigo,<br/>         Iremos a todos os cantos do mundo,<br/>         Para nós não existe nenhuma fronteira<br/>         Que nos faça parar!</p> <p>II</p> <p>Temos connosco um aliado, que é o vento.<br/>         Que nos leva na boa direção.<br/>         A nossa arma é a paz e o nosso lema, o amor para<br/>         combater o racismo.</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Livro didático de língua Portuguesa.

**Figura 26** - Retirada da p. 75 do livro de língua portuguesa.

4. Agora, discute com os(as) teus(tuas) colegas o seguinte:

- a) A canção fala-nos de crianças que vivem tristes. Sabes quais são as razões por que há tantas crianças tristes no mundo?
- b) Em que lugar(es) do mundo vivem essas crianças?



## Ler e Compreender

1. Agora que já cantaste a canção «Viajá» e leste o poema em português, responde às questões que se seguem:

1.1. A canção fala-nos de uma viagem de solidariedade, de amor ao próximo.

a) Diz se concordas com a afirmação acima e justifica a tua resposta com um ou mais verso(s) do poema.

b) Copia esse(s) verso(s) nas duas línguas.

2. A autora da canção quer levar “um pok di sol” para essas crianças. Se pudesses levar alguma coisa a essas crianças, o que levarias?

3. «Pa noj ka tem nenhum frontera k ta faze noj pará.»

3.1. Explica o significado da expressão «... Pa noj ka tem nenhum frontera k ta faze noj para».

3.2. Assinala com uma cruz (+) a palavra que exprime o contrário da ideia contida nesta frase 3.

- |                 |             |
|-----------------|-------------|
| a) Determinação | c) Vontade  |
| b) Coragem      | d) Desânimo |

4. «Noj lema é paj, noj arma e amor pa kombatê rasismo».

4.1. Explica por palavras tuas o que significa racismo.

4.2. E qual é a tua proposta para combater o racismo?

## Funcionamento da Língua

1. Como reparaste, este texto da canção «Viajá» é um poema, porque está apresentado em versos.

1.1. Qual é o primeiro verso deste poema?

1.2. Sabes o que é um verso?

2. Lê, pronunciando bem as palavras em língua cabo-verdiana e língua portuguesa, os seguintes versos:

Na nha barkinhe M navegá, / No meu barquinho naveguei.

Pa-me ba leva um pok di sol, / Para levar um pouco de Sol.

Pa tude kej menine ke ta vive trijte/ A todas as crianças que vivem tristes

Sem pai i sem amor! / Sem noj e sem amor

Fonte: Livro didático de Língua Portuguesa.

Percebemos que a língua cabo-verdiana foi retratada no livro de uma forma superficial, e a língua portuguesa ocupando satisfatoriamente o domínio formal do livro didático em questão.

Segundo Plano de Estudos do Ensino Básico Formal, acesso pelo Ministério de Educação, responde alguns pressupostos e trazemos como exemplo o da alínea e: “Promoção da aprendizagem da língua portuguesa, enquanto instrumento de comunicação e de estudo, através do desenvolvimento da capacidade de expressão, de compreensão e interpretação oral e escrita”; Ou seja, a língua portuguesa é aceita pacificamente como uma língua de comunicação no ensino. Ao verificar este plano de estudo não deparamos com nenhum item que colocasse a língua cabo-verdiana em evidência.

No que tange a questões da identidade, o fator língua, foi um dos elementos que nos chamou muita atenção, pois, este, é um dos principais elementos que caracterizam o país como referimos anteriormente. A introdução dessa língua no ensino seria importante para o entrelaçamento de conhecimentos, porém em torno disso, entendemos que existe um tanto de problemática e desafios sobre a oficialização da língua cabo-verdiana no ensino que ainda não se encontra resolvido.

O livro traz uma série de imagens com intenção de interpretar personagens negros, porém julgamos que não proporcionou absolutamente a identificação dos negros no geral, pois muitas dessas gravuras refletem a pessoas de tom de pele mais clara, considerados os menos retintos ou propriamente os “mestiços”. Pois então foi um dos itens que abordamos na análise do livro de história e Geografia. No entanto, consideramos as imagens como elementos em que os alunos irão buscar suas identificações, e o livro didático como um instrumento que visa estimular o conhecimento, deveria pormenorizar positivamente as representações da identidade negra africana com mais ênfase.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante ao nosso estudo sobre a representação da identidade negra-africana nos livros didáticos, selecionamos dois livros do ensino básico para a pesquisa, o livro de história e Geografia e o livro de Língua Portuguesa. O objetivo deste estudo foi analisar como a representação da identidade negra-africana nos livros é representada. Partimos da hipótese de que o currículo nacional passou por insuficiência em relação às realidades sociocultural africana, correspondendo assim às ideologias colonialistas. No entanto, com este estudo é de se perceber que o ensino

cabo-verdiano traduziu progressos, onde propôs mais acesso à educação e as representações negras nos livros foram sendo notificados. Deste modo, embora houve avanços, percebe-se que existe nos livros didáticos os reflexos dos projetos históricos e ideológicos europeu.

Ainda assim acreditamos que os livros didáticos terão conteúdos sobre identidade negra e representações negra-africana com intuito de trazer visibilidade, orgulho e reconhecimento positivo do grupo negro, de modo a ajudar os alunos no processo de construção e pertencimento identitários.

Um dos fenómenos observado no livro através de imagens, foi a representação de pessoas brancas e “mestiças”, sob a ideia de posição de prestígio, o caso mais concreto do livro de língua portuguesa. Entendo que isto leva os alunos a uma associação/comparação entre suas características fenotípicas. Outra questão possível de perceber neste estudo, é que os livros didáticos ainda continuam tendo como base a língua portuguesa e em pouquíssimo caso é trabalhado conteúdo que relacione com a língua materna do país.

Por outro lado, as imagens de particularidade/personalidades negras célebres, foram trazidas nos livros didáticos como referência positiva. Pois bem, não só os livros didáticos, mas também o ensino em si, deve proporcionar aos estudantes a terem mais acessos sobre a história do continente africano, das diferenças, dos diferentes saberes e conhecimentos, pois assim contribui para romper os tabus existentes em Cabo Verde.

Portanto, é de se propor, um olhar mais questionador, mais crítico sobre as representações da identidade negra-africana nos livros didáticos, a fim de desconstruir, e problematizar sobre uma educação que ainda muito reflete o período colonial. Entendemos que é de suma importância o melhoramento das políticas curriculares que assegurem o acesso às temáticas, conteúdo e valorização da identidade negra.



## Referências

AFONSO, M. **Educação e classes sociais em Cabo Verde**. Debates. Praia: Spleen África. 2002.

AFONSO, Isabel, **O USO DO MANUAL ESCOLAR DE HISTÓRIA NO ENSINO SECUNDÁRIO: UM ESTUDO COM PROFESSORES E ALUNOS PORTUGUESES**. Revista de Teoria da História. Ano 6, número 12, Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892, p.140-148, Dez/2014.

ALMADA, David Hopffer. **Pela Cultura e Pela Identidade: EM DEFESA DA CABOVERDIANIDADE**, Praia, 2006.

AMARANTE, Neusa Mafalda de Barros. **TURISMO CULTURAL: AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DO PANO DE TERRA DE SANTIAGO EM CABO VERDE**, maio, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. F866e **Equipamentos e materiais didáticos**. / Olga Cristina Rocha de Freitas. –4ª ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.

BRAGANÇA, Aníbal. **A FUNÇÃO EDITOR DE LIVROS ESCOLARES**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Arte e Comunicação Social - Universidade Federal Fluminense, Campo Grande/MS – setembro; 2001.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF. \_\_\_\_\_.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BECKER, S. Howard. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980- 7031.

BITTENCOURT. Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**, - 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008

CHOPIN, Alain. **O manual escolar: uma falsa evidência histórica**. In Revista História da Educação. Pelotas, v. 13, n. 27, jan./abr, p.10-75, 2009.

CUNHA, Isabela Bileck da. **O currículo escolar e as reformas na rede pública municipal de São Paulo**. São Paulo, 2015.

CANDAU, V. M. (Org.). **Didática Crítico intercultural: aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CERVO, A. & BERVIAN, P. **Metodologia Científica**. São Paulo: Makron Books. P.27. 1996. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade>. Acesso realizado em 28 de abril de 2018.

CELLARD, André. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3 Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p.295-316, 2012.

CHEIKH, Anta. **A ORIGEM AFRICANA DA CIVILIZAÇÃO: Mito ou Realidade**. n.p.1974.

FERNANDES, Sandra. Faria. **CURRICULO, DIOP CULTURA E HISTÓRIA: Breve Painel**. XI ENCONTRO DE PESQUISADORES, PUC-PS, p. 1-24, setembro/ 2013. **FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRTAS DE IBETINGA – FAIBI. Manual para elaboração de Referencia Bibliográfica**. Ibitinga / SP, 2009. Disponível em: <[http://faibi.com.br/arquivos/downloads/geral/tcc\\_refbiblio](http://faibi.com.br/arquivos/downloads/geral/tcc_refbiblio)>. Acesso em: 02/jan/2021.

GESSER, Verônica, **A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO CURRÍCULO: dos primórdios à atualidade**. CONTRAPONTO, Itajaí, p. 69-81, 2002.

GOMES, Lino Nilma. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, p.38-47, 2002.  
[https://minedu.gov.cv/manuaissearchm?manual\\_ano=5%C2%BA+Ano&manual\\_disciplina=Hist%C3%B3ria+e+Geografia+de+Cabo+Verde&keywords](https://minedu.gov.cv/manuaissearchm?manual_ano=5%C2%BA+Ano&manual_disciplina=Hist%C3%B3ria+e+Geografia+de+Cabo+Verde&keywords)  
<https://minedu.gov.cv/manuais>

JUNIOR, Eduardo et al. **ANÁLISE DOCUMENTAL COMO PERCURSO METODOLÓGICO NA PESQUISA QUALITATIVA**, Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.36-51/2021.

LOPES, Alice, Casimiro, MACEDO, Elizabeth. **TEORIAS DE CURRÍCULO**. São Paulo: ed. Cortez, 2011.

**Lei de Bases do Sistema Educativo de Cabo-Verde**. Disponível em file:///C:/Users/Toshiba/Downloads/Lei\_de\_Bases\_do\_Sistema\_Educativo\_cabo\_v.p df. Acesso a 15 jan.

MAIA, Ila Beatriz da Silva. **Currículo Mínimo de sociologia: uma análise a partir das teorias do currículo**. Campos dos Goytacazes, RJ, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de SOUSA (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Joaquim Jorge Monteiro. **Cabo Verde: Um Projeto de País e a Ideologia da Educação como estratégia para o desenvolvimento**. Estudo da constituição do ensino técnico. Curitiba. 2009.



MOURA, Alcides Fernandes. **Sistema educativo cabo-verdiano nas suas coordenadas**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), enadas sócio-históricas. p. 79-109, jan./abr, 2016.

\_\_\_\_\_, M. C de S. et al. **Pesquisa social: Teoria método e criatividade**. 21 edição, Petrópolis, 2002.

MORAES, Dominique. Cerqueira. Dias de Moraes. **Visualidade do livro didático no Brasil: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

MADEIRA, João Paulo C. B. **O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde**. Revista Científica Vozes dos Vales – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 , Ano III, 10/2014.

MACEDO. Roberto Sidnei, **Currículo: campo, conceito e pesquisa**, 7.ed. atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MEIRA. Letícia. Mara. **Artigo sobre a história do currículo: temas, conceitos, e referências das pesquisas brasileiras**. Revista Brasileira de Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, v.25, p. 1-24, 2020.

NOBRE, Marcos **FILOSOFIA PASSO A PASSO 47**, ZAHAR. Disponível em: [http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4993606/mod\\_resource/content/1/Aula%2011b NOBRE-Marcos-A-Teoria-Critica.pdf](http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4993606/mod_resource/content/1/Aula%2011b%20NOBRE-Marcos-A-Teoria-Critica.pdf) > Acessado em outubro 2021.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**, Catalão: UFG, p. 72 p, 2011.

OLIVEIRA, Warley, Rodrigues, **TEORIAS DO CURRÍCULO: VISANDO A COMPREENSÃO E MUDANÇAS**. 40f. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Brasília/DF, 2019.

OLIVEIRA, Gabriela Luna Bellas. **REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO LIVRO DE ESPANHOL DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, Universidade Federal da Bahia, 2017.

PLANO DE ESTUDO DO ENSINO BÁSICO FORMAL: 1º ao 8º ano de escolaridade. Acesso:ministério de educação, in: 28 de janeiro.

PINHEIRO, Elma Ferreira Campos. **O Currículo Escolar na Construção de conhecimento**. Belo Horizonte, (escola de gestores da educação básica), 2015.

ROCHA, Aristeu, Castilhos. **PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**. Professor do Curso de História da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen. Disponível em: <file:///C:/Users/Toshiba/Documents/CURR%C3%8DCULO/prop%C3%B3sta%20metodolg%20ens%20H.%20ARISTEU>>. Acesso em: set. 2021

REPÚBLICA DE CABO VERDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS, **Plano Nacional de Ação Educação Para Todos** (PNA-EPT).Praia, 25 de Outubro, p. 1 de 73, 2002.

[https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/cape\\_verde\\_pna\\_educacaotodos.pdf](https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/cape_verde_pna_educacaotodos.pdf). Acesso em: 20 jan. 2022.

**Revista Científica Vozes dos Vales** – UFVJM – MG – Brasil – Nº 06 – Ano III – 10/2014 Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM – QUALIS/CAPES – LATINDEX – ISSN: 2238-6424 – Disponível em <[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)>, Acesso em Dez. 2022 Santos, Maciel

SOUSA, S. Angélica et al. **A Pesquisa Bibliográfica: princípios em fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p.64-83/2021.

SILVA. Tomaz, Tadeu da, **DOCUMENTOS de IDENTIDADE: Uma introdução às teorias do Currículo**, - Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, T. T. da (2007). **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.

SCHUBRING, Gert. **Análise histórica do livro didático de matemática: notas de aula**. Campinas, Autores Associados,2003.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VARELA, Bartolomeu Lopes. **Concepções, Práxis e Tendências de Desenvolvimento Curricular no Ensino Superior Público em Cabo Verde - Um estudo de caso sobre a Universidade de Cabo Verde**, outubro de 2011.

VIVIANE, Barboza Fernandes, SOUSA, Maria Cecilia Cortez Christiano. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil), 2016. p.104-120.